



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CENTRO DE EDUCAÇÃO, HUMANIDADES E SAÚDE
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Raimunda Pereira do Nascimento Santos

História de Vida: Luta e Resistência das Mulheres Quebradeiras de Coco
Babaçu do Povoado Passarinho. Tocantinópolis – TO

Tocantinópolis/TO

2025

Raimunda Pereira do Nascimento Santos

História de Vida: Luta e Resistência das Mulheres Quebradeiras de Coco
Babaçu do Povoado Passarinho. Tocantinópolis – TO

Monografia apresentada à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Educação, Humanidades e Saúde, para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientador (a): Maysa Mayara Costa de Oliveira

Tocantinópolis/TO

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT
Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P436h Pereira do Nascimento Santos, Raimunda .

História de Vida: Luta e Resistência das Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu do Povoado Passarinho. Tocantinópolis – TO / Raimunda Pereira do Nascimento Santos. - Centro de Educação, Humanidades e Saúde - CEHS, TO, 2025.

66 f.

Monografia Graduação (Graduação - em Ciências Sociais) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2025.

Orientadora: Maysa Mayara Costa de Oliveira.

1. quebradeiras de coco. 2. resistência. 3. histórias de vida.

CDD 300

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Raimunda Pereira do Nascimento Santos

História de Vida: Luta e Resistência das Mulheres Quebradeiras de Coco
Babaçu do Povoado Passarinho. Tocantinópolis – TO

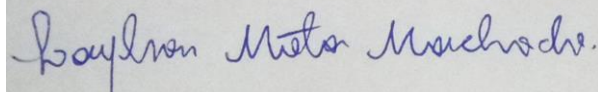
Monografia apresentada à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Educação, Humanidades e Saúde, curso de Licenciatura em Ciências Sociais. Foi avaliada para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela banca examinadora.

Data de aprovação: 14/02/2025

Banca Examinadora:



Prof^a. Dr^a Maysa Mayara Costa de Oliveira - Orientadora (UFNT)



Prof^o. M.e. Laylson Mota Machado – Membro interno (UFNT)



Prof^a. Ma. Josy Marciane Moreira Silva – Membro externo (UNICAMP)

Dedico este trabalho à minha irmã, Aleluia, pela pessoa que foi neste mundo e pela alegria que demonstrou em ver uma irmã em um Curso Superior. Com o coração em lágrimas prometo fazer o meu melhor para valorizar a sua torcida por mim. Que Deus a tenha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que acreditaram na minha formação e aos que não acreditaram também de alguma forma contribuíram para o meu fortalecimento em demonstrar que sou capaz. À minha orientadora Maysa Oliveira, pelos ensinamentos valiosos.

Ao meu esposo, pela paciência diante da ausência e das crises enfrentada pelos trabalhos diante da Fibromialgia que me impossibilitaram várias vezes de fazer o meu melhor.

Agradeço à minha filha, por me acompanhar nos dias de apresentações de trabalhos e seminários, contribuindo como fotógrafa, ouvinte e crítica. Ao meu pai, pelo apoio. À minha mãe por ser quebradeira de coco e inspiração para realização deste trabalho. Aos meus irmãos, em especial, às minhas irmãs Maria Antônia, Maria das Dores e Cícera, pela força e pelas palavras de esperança.

Agradeço também ao corpo docente da UFT/UFNT, pelos ensinamentos e orientações, em especial à professora Gracieda Araújo, por sempre acreditar na minha capacidade.

À Dona Lourdes, eu agradeço pelas sinceras palavras, pela rica contribuição neste trabalho e por compartilhar seus momentos de vida sobre suas duras dificuldades que passou neste mundo. Descanse em paz.

E aos meus colegas, Maria de Jesus, Luciete, Dayana Hermano e Cleicitânia Maia pela ajuda nos momentos desafiadores e celebrações ao longo da jornada acadêmica.

“Talvez não tenha conseguido fazer o meu melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas graças a Deus não sou o que era antes”.

(Martin Luther King)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo, analisar através das histórias de vida, de mulheres quebradeiras de coco babaçu, no povoado Passarinho – TO, a relação entre luta, resistência e trabalho. Constata-se que no povoado a atividade da quebra do coco está cada vez mais escassa, dado o cerceamento cada vez maior de grandes proprietários de terra. Mesmo a quebra do coco babaçu sendo uma prática protegida pela Lei do Babaçu Livre, que proíbe a derrubada das palmeiras e permite o livre acesso das quebradeiras aos babaçuais, que na realidade no Povoado Passarinho não vem sendo cumprida. Nesse sentido, esse trabalho busca compreender quais as dificuldades que as mulheres quebradeiras de coco babaçu do Povoado Passarinho têm enfrentado na busca pelo coco tendo em vista a importância da manutenção desta atividade para a sobrevivência de muitas famílias. Como recursos metodológicos a pesquisa utilizou bibliografias sobre o tema, pesquisa de campo, com observação participante e entrevistas. A história oral, foi o método de análise deste trabalho. Como resultados, espera-se contribuir para a reflexão sobre a privatização da terra, e as dificuldades encontradas pelas mulheres na busca pelo fruto e a quem autorize sua entrada para juntar e quebrar o coco.

Palavras-chave: quebradeiras de coco; resistência; histórias de vida; Tocantins.

ABSTRACT

This research aims to analyze, through the life stories of women who break babaçu coconuts, in the village of Passarinho-TO, the relationship between struggle, resistance and work. It appears that the activity of coconut cracking in the village is increasingly scarce, given the increasing restrictions on large landowners. Even though the breaking of the babaçu coconut is a practice protected by the Free Babaçu Law, which prohibits the felling of palm trees and allows free access for breakers to the babaçu groves, which in reality in Povoado Passarinho is not being complied with. In this sense, this work seeks to understand the difficulties that women babaçu coconut breakers from Povoado Passarinho have faced in their search for coconuts, given the importance of maintaining this activity for the survival of many families. As methodological resources, the research used bibliographies on the topic, field research, with participant observation and interviews. Oral history was the method of analysis for this work. As results, it is expected to contribute to the reflection on the privatization of land, and the difficulties encountered by women in the search for the fruit and those who authorize their entry to gather and break the coconut.

Keywords: Coconut breakers; resistance; life stories; Tocantins.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.2 Justificativa	12
1.3 Metodologia	14
1.4 O primeiro contato: o início da pesquisa	16
2 CULTURA E PRÁTICA DA QUEBRA DO COCO NO TOCANTINS E NA REGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO	25
2.1 História do povoado	28
2.2 A prática da quebra do coco	30
3 HISTÓRIAS DE VIDA DAS MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO DO POVOADO PASSARINHO	32
3.1 Como aconteceram as entrevistas	33
3.2 Perfil das quebradeiras de coco	37
4 LUTA E RESISTÊNCIA DAS MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO DO POVOADO PASSARINHO. TOCANTINS	50
4.1 Privatização das terras e os impactos agrícolas	54
4.2 A importância da lei do babaçu livre para as quebradeiras de coco	58
4.3 Relações de gênero	61
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	66
APÊNDICE	64

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a história de vida, luta e resistência das mulheres quebradeiras de coco babaçu do Povoado Passarinho no município de Tocantinópolis -TO, região norte do Tocantins, também conhecida como Bico do Papagaio¹. O trabalho com a quebra do Coco Babaçu, um fruto nativo da região norte e nordeste do Brasil, faz parte da cultura do Tocantins, em especial da região do Bico do Papagaio. Este trabalho revela um modo de vida em que a prática e conhecimento sobre a quebra do coco está ligada à história e desenvolvimento de muitas comunidades camponesas no estado. As Quebradeiras de Coco Babaçu fazem parte da cultura da região do Bico do Papagaio, suas tradições, modo de vida, prática e conhecimento, estão ligadas as suas histórias de vida e desenvolvimento da comunidade em que vivem. Essa atividade tem seu reconhecimento com sua transmissão de geração a geração.

Para muitas mulheres, ser quebradeira de coco, aciona uma identidade cultural, uma ancestralidade feminina que se alia à mobilização socioambiental. No povoado Passarinho, mães, avós, bisavós praticam essa atividade e resistem para manter viva essa forma de trabalho manual e sustentável, trabalho que também é importante para a própria manutenção da vida. Contudo, esta é uma atividade que vem sendo ameaçada por diversos fatores, um deles é o difícil acesso ao coco, um fruto livre, porém, cada vez mais cativo, dentro das privatizações da terra, cercados por arames farpados, criando assim ainda mais dificuldades para a execução do trabalho, e fazendo com que o caminho de coleta do coco babaçu seja cada vez mais longo.

Os resultados dessa pesquisa foram organizados em 3 capítulos. No Capítulo 1 “Cultura e Prática da Quebra do Coco no Tocantins e na Região do Bico do Papagaio”, será abordado o contexto histórico da quebra de coco na região do Bico do Papagaio, assim como a cultura e a prática da profissão de quebradeira de coco na região. No Capítulo 2 “Histórias de vida das mulheres quebradeiras de coco babaçu”, analiso através das histórias de vida dessas mulheres, a relação entre as suas lutas pela sobrevivência e assim como a luta pela garantia do acesso ao

¹O nome Bico do papagaio faz alusão ao formato da região geográfica se assemelha ao bico da ave.

trabalho com a quebra do coco.

Por fim, no capítulo 3 “Luta e resistência das mulheres quebradeiras de coco do Povoado Passarinho”, tem como objetivo analisar a luta pelos seus direitos e o reconhecimento de seu trabalho, em busca de melhores condições de vida das mulheres e a história do babaçu do povoado.

1.2 JUSTIFICATIVA

O interesse de pesquisar esse tema surgiu a partir da minha experiência e convivência com a prática cultural da quebra do coco babaçu, que por longos anos acompanhei na comunidade onde nasci, no Povoado Passarinho. Esse sempre foi um dos principais meios de trabalho para auxiliar na renda das mulheres da minha família. Essa proximidade com a prática da quebra do coco, e com grande parte das mulheres do povoado que realizam essa atividade, acompanhando suas lutas diárias, e observando como essa atividade tem sido cada vez mais deixada de ser realizada.

Nesse aspecto, essa pesquisa busca apresentar de forma simples e objetiva, a maneira como essas mulheres têm resistido a uma atividade que tem sido cada vez mais ameaçada pela expansão da agropecuária, e pelo cercamento dos babaçuais. Além do que, a prática da quebra do coco também é uma forma de valorização e preservação de saberes tradicionais.

Através do acompanhamento cotidiano do trabalho destas mulheres, buscou-se compreender a relação entre a importância da luta pela proteção do meio ambiente, do apoio familiar, da relação com as diversas atividades desempenhadas seja em casa ou na quebra do coco, além de também poder identificar as várias etapas do processo produtivo, desde a busca pelo coco até o produto final do seu trabalho.

Espera-se que esta investigação possa dar visibilidade e importância ao trabalho das quebradeiras de coco babaçu, evidenciando dificuldades e desafios para a conquista do direito e reconhecimento pelo seu trabalho, em um contexto marcado pelo domínio privado da terra onde nascem os babaçuais. É importante compreender as questões ambientais, econômicas e sociais nesta comunidade e como as quebradeiras de coco executam esse papel essencial para preservar as tradições culturais e seu custeio de vida, enfrentando desafios na busca pelos recursos que decorrem da posse de terra e das questões econômicas.

A relevância desta pesquisa está em compreender a realidade concreta dessas mulheres, suas histórias de vida, seus valores culturais, a relação com o meio ambiente e os desafios econômicos. Além de discutir a necessidade de reconhecimento e valorização do seu trabalho e dos seus direitos, propondo entender as arbitrariedades nesse processo, a fim de contribuir para ações que busquem a promoção do bem-estar físico e financeiro dessas trabalhadoras. Portanto, é essencial estudar essa temática, para compreender e valorizar sua importância para a sociedade, fomentando iniciativas que proporcionam uma melhor qualidade de vida.

1.2.1 Objetivos

Esta pesquisa tem a intenção de evidenciar o trabalho das mulheres quebradeiras de coco, identificando quem são as mulheres que compõem esse grupo, como se dá suas vivências nesta comunidade, distinguindo condições econômicas e sociais, bem como suas histórias de vida e dificuldades encontradas durante a jornada de trabalho.

1.2.2 Objetivo Geral

Diante das dificuldades de acesso aos babaçuais que se encontram cada vez mais em propriedades privadas, além do processo de desmatamento dessas palmeiras para a criação de gado, esta pesquisa tem como pergunta principal:

Quais são as dificuldades encontradas pelas mulheres quebradeiras de coco babaçu na busca pelo fruto, tendo em vista a manutenção do seu trabalho, e como a privatização de terra e dos babaçuais afeta a vida destas mulheres do Povoado Passarinho em Tocantinópolis – TO?

Buscando respostas para essa indagação, o objetivo geral deste trabalho é compreender através da história de vida destas mulheres, a relação entre luta, resistência e trabalho tendo a atividade da quebra do coco babaçu, como pano de fundo destas tensões.

1.2.3 Com os objetivos específicos, busca-se:

- Compreender o cotidiano das quebradeiras de coco em relação a luta pela proteção do meio ambiente;
- Identificar as redes de relações dessas mulheres e sua relação quanto à manutenção do trabalho;
- Examinar as etapas desenvolvidas no exercício da coleta do coco babaçu em todo seu processo produtivo.

1.3 METODOLOGIA

A pesquisa partiu-se primeiramente pela investigação, onde buscou-se por mulheres quebradeiras de coco no povoado Passarinho na cidade de Tocantinópolis – TO. Essa pesquisa é de cunho qualitativo, pois por meio de entrevistas, história oral e um formulário, buscou-se ouvir as participantes contarem suas experiências a respeito da prática da quebra do coco babaçu, contemplando suas histórias de vida. Após a seleção de 5 quebradeiras e 1 quebrador que seriam os participantes da pesquisa, com a técnica de observação participante foi realizado um acompanhamento de suas rotinas de trabalho durante 30 dias, aproximando assim, o pesquisador do contexto de vida dos pesquisados.

Como referencial teórico se utilizará como base os autores Goldenberg (2004), que fala sobre pesquisa qualitativa em Ciências Sociais; Andrade (2007) Silveira e Schwartz (2012) que discutem sobre os conflitos agrários e memória; Scott (1995) no que se refere a relações de gênero; Thompson (1992) e Alberti (2005) que fala sobre história oral.

A natureza dessa pesquisa é de cunho qualitativo, pois através de entrevistas e um formulário com base na história oral, buscou-se ouvir as participantes contarem suas experiências a respeito da prática da quebra do coco babaçu, contemplando suas histórias de vida. Tendo em vista que Goldenberg (2004) explica que o ato de compreender está relacionado à existência humana, as pesquisas qualitativas não se preocupam em estabelecer leis para se produzir interpretações amplas. Logo, os dados qualitativos propõem uma compreensão profunda de certos acontecimentos sociais sustentados na premissa da maior relevância do ponto de vista subjetivo da ação social.

Em relação aos métodos utilizados na pesquisa, partiu-se primeiramente

pela investigação, onde buscou-se por mulheres quebradeiras de coco no povoado Passarinho município de Tocantinópolis – TO.

Após a seleção de 5 (cinco) quebradeiras e 1 (um) quebrador que seriam os participantes da pesquisa, com a técnica de observação participante foi feito um acompanhamento de suas rotinas de trabalho durante 30 (trinta) dias, aproximando assim, o pesquisador do contexto de vida dos pesquisados. Cada uma das quebradeiras de coco entrevistadas, tem uma seção com seus nomes, onde retratam sua história de vida e através de suas falas.

Por meio da entrevista, iniciou-se uma conversa dirigida individualmente com cada uma delas, onde um questionário com observação participante, (contendo 16 dezesseis perguntas elaboradas) foi criado com objetivo de colher as informações a respeito do ofício e obter conhecimento do contexto local das trabalhadoras, valorizando suas falas. Buscando entender de forma detalhada todo o processo do trabalho e conhecer a história de vida dessas quebradeiras que vivem da renda que o fruto proporciona, as entrevistas possibilitaram, assim, uma compreensão mais profunda sobre o tema investigado.

As respostas coletadas a partir do questionário com observações participantes foram utilizadas para levantar dados a respeito de cada participante, e através da “entrevista e da história oral deve ser considerada em função das condições de sua produção, trata-se de um diálogo entre entrevistados e entrevistadores, de uma construção e interpretação do passado atualizado através da linguagem falada” (ALBERTI, 1995, p. 24) tais como o motivo que as levaram a realizar este tipo de trabalho, os desafios da prática devido ao difícil acesso às palmeiras, os perigos por estarem muitas vezes sozinhas e expostas, realizando um trabalho manual no meio do mato.

Contendo um caráter exploratório e descritivo, este trabalho buscou obter uma compreensão mais ampla a respeito de como é realizado essa atividade manual de exploração do coco babaçu na região do Bico do papagaio.

Esse trabalho teve início a partir da disciplina Tópicos Especiais em Antropologia com a Professora Mariane Pisani no segundo período no ano de 2019, onde ela distribuiu alguns temas de pesquisa para elaborar banners para os alunos apresentarem em sala de aula. Ao deparar-me com o tema sobre as Quebradeiras de coco, logo me identifiquei por ser uma profissão que minha mãe sempre exerceu. Durante todo período na universidade, sempre que pensava em um tema de

pesquisa, era esse que surgia. Alguns colegas e minha professora que hoje é minha orientadora me incentivaram bastante a continuar com a pesquisa.

Quando pensei em entrevistar pessoas, logo de início me veio a ideia de entrevistar a minha mãe, mas devido ao fato da mesma morar no estado do Maranhão, ficaria mais difícil, uma vez que dei preferência por realizar entrevistas pessoalmente. Entrei em contato por telefone com uma mulher quebradeira de coco que conheço há alguns anos por nome Mirtes, expliquei sobre a pesquisa e marcamos uma conversa presencial para a data 1º de julho de 2024. Ao chegar no local, ela havia conversado com duas companheiras de quebra do coco, as mesmas que participaram da minha primeira pesquisa em 2019. Uma delas aceitou participar de primeira, já a outra não aceitou, pois dizia que o esposo que antes apenas a acompanhava, hoje também quebra coco e não aceita ser visto por outras pessoas que não seja sua esposa e suas duas cunhadas. Durante a conversa, deixei claro tudo que precisava obter de informações delas e prontamente elas aceitaram. As entrevistadas são três mulheres casadas com três irmãos, dois dos esposos já quebraram coco, apenas um deles continua com a prática, que é o senhor Raimundo que presenciei quebrando coco na sua residência junto com sua esposa Mirtes. Como mencionado antes, apenas um dos irmãos não aceita ser visto quebrando coco nem falar sobre sua profissão.

1.4 O PRIMEIRO CONTATO: o início da pesquisa

Iniciei o trabalho de campo com as quebradeiras de coco, dia 5 de agosto por volta das sete horas da manhã. Saindo de suas residências seguimos a pé às margens TO-210, durante 20 minutos. Logo após, atravessamos uma cerca de arame e seguimos na mata caminhando uns 3 quilômetros dentro do coqueiral. Ao chegar no local, deparei-me com um monte de coco bem avantajado, trabalho feito um dia antes por elas. Como o coco está escasso, elas precisam andar bastante para encontrar, então preferem juntar antes para que no dia da quebra elas estejam descansadas. Ao chegarem da coleta dos cocos, elas cortam palhas de coco, talos e levam barbante, amarram os talos de uma palmeira ou uma árvore para outra, colocam as palhas de pé formando sombra para que possam ficar embaixo.

As quebradeiras, sempre iniciam seus trabalhos com oração. Em seguida, cada uma senta ao lado de um monte de coco, fixam forquilhas no chão para

sustentar o cabo do machado, verificam os cacetes, arrumam os vestuários para se proteger de insetos que andam no solo, retiram as garrafas com água do saco, colocam o vasilhame ao lado para depositar o coco quebrado e estão prontas para iniciar o trabalho do dia. Segundo Mirtes, ela tem contrato de 8 litros de azeite por semana, com a moça da barraca da praça que faz bolo pra vender na feira no domingo. Muitas vezes, deixam de entregar a encomenda da semana, ou acabam por entregar apenas a metade do combinado, porque nem sempre estão dispostas a irem quebrar coco no mato, e para quebrar em casa, o esposo precisa ir buscar, utilizando um animal (jumento), com dois tambores de 50 (litros, um de cada lado da cangaia (espécie de cela) para trazer cheio de coco. Devido aos problemas de saúde, muitas vezes, nem seu marido aguenta juntar o coco, e terminam por perder o dia de serviço, como elas mesmas dizem.

A entrevista com as quebradeiras Mirtes e Raimunda foram concedidas durante a quebra do coco, nos dois primeiros dias a entrevista foi com Mirtes, no terceiro e quarto dia foi com Dona Raimunda. Iniciei a entrevista em forma de conversa com intervalos entre um assunto e o outro, entre 9 da manhã e 16:30 da tarde, ou seja, acompanhando a jornada de trabalho dessas mulheres. Enquanto quebrava o coco, elas respondiam às perguntas de forma descontraída e alegre sem nenhuma formalidade e com muita firmeza nas respostas elas argumentam e se impunham nas questões que lhes são pertinentes e que lhes são ou não favoráveis.

Por motivo de saúde, muitas vezes elas não podem ir ao mato quebrar coco todos os dias, então, a ida ao mato para coletar e quebrar o coco se restringiu a apenas uma vez por semana. Por este motivo acompanhei as quebradeiras na mata apenas quatro vezes durante os meses de agosto e setembro. Outro fator também, foi o fato de uma delas ter ficado doente e impossibilitada de andar ou ficar sentada por muito tempo, passando assim a quebrar coco em casa. Uma delas ainda quebra no mato com a companheira que vai com esposo e que não aceitou a companhia de outra pessoa, nem como pesquisadora.

Quebrando em casa, a rotina dessas mulheres é totalmente diferente, levantam às 6 horas, fazem o café, organizar algumas coisas em casa, para assim, iniciar a quebra do coco, parando entre 9h e 10h da manhã, para preparar o almoço e organizar outras atividades domésticas. Quando voltam para continuar a quebra, já é de 13 para 14:00 horas, somente parando às 17:00. Assim, se seguem todos

os dias, cada uma quebrando em sua residência.

Figura 1- quebradeiras saindo para o babaçual



Fonte: Raimunda, 2024.

A segunda vez que acompanhei as quebradeiras de coco em sua rotina, no dia 13 de agosto, passei praticamente o dia inteiro com elas, das 7:30h às 17h . Acordamos às 5h. Como de rotina, fizeram almoço. Mirtes, acorda bem cedo para poder fazer o almoço de seu pai que já é idoso e possui sérios problemas de saúde, e restrições alimentares, portanto ela precisa fazer o almoço antes de sair para o mato.

Ao chegar na sua residência ela ainda não havia tomado café da manhã porque não havia tempo, acompanhei o tempo do café da manhã que foi cuscuz com ovo cozido e café com leite. Logo, Dona Raimunda que mora ao lado, chegou reclamando: “-tu nunca terminou? Levantou primeiro que eu!”, e Mirtes responde: “-e tu sabe o tanto de coisa que já fiz hoje? Já tô suada e cansada!”. Dona Raimunda: “- pois te apruma que hoje é mais longe!”. Neste dia saímos às 07:50, o sol já estava se mostrando, seguimos na mesma direção do primeiro dia, porém, o local que havia coco era bem mais distante, cerca de 3 quilômetros e meio. Ao chegar no local, cada uma pegou um facão e foi cortar talos e palhas para colocar do lado que o sol vinha, fiquei observando, uma amarrava e não ficava bom, a outra tomava de conta falando que “velho não sabe mais de nada”, quando o serviço de

uma dava certo a outra falava que foi ela que ensinou por isso prestou, e assim terminaram a latada (palhas de coco sobre alguns talos) como é chamada.

Antes de iniciar seu trabalho, as quebradeiras Mirtes e Raimunda, oram a Deus pedindo proteção. As duas são evangélicas, mas não criticaram nenhuma outra religião durante seu trabalho. Apesar das conversas aleatórias, não discutiram em momento algum esse assunto. Para iniciar a quebra do coco, cortam um galho de árvore com dois ganchos e sobrepõem o cabo do machado no gancho, uma técnica utilizada para levantar o cabo e dar mais sustentabilidade, Mirtes trouxe um cacete pesado e já avisa que o dia não vai ser fácil, cacete pesado dói o braço e conseqüentemente a coluna dói junto, o que faz com que os cocos quebrados não saiam em grande quantidade no fim do dia. Com o passar das horas contam várias histórias, muitas delas não pude gravar, são conversas pessoais e logo certificam-se se estou gravando para então começar a contar. Nesta hora pude perceber que estou ali não só como uma “estranha” mais como uma pessoa de confiança para elas, por confiarem que não gravaria suas conversas particulares e transmitir para outras pessoas.

Assim também percebi que o pesquisador é também um pouco padre; que ouve as confissões e guarda para si, um pouco psicólogo; porque elas pedem conselhos sobre suas decisões, mas também somos privilegiados por sermos aceitos em meio a famílias que escancaram suas casas, suas vidas, suas necessidades, sua saúde e suas rotinas, confiando na nossa palavra.

Na convivência com essas mulheres, costumava sair de casa entusiasmada com o que o dia me reservava, quando voltava à tarde, vinha maravilhada como eu havia me tornado uma pessoa capaz de ouvir tantas histórias de pessoas diferentes. Acredito que ser cientista social é dispor de argumentos para tudo, na pesquisa de campo, isso é posto em prática de como podemos guardar nossas críticas construtivas ou não, e camuflar nosso ponto de vista. Sempre às 11hs da manhã elas param para almoçar, aguardam alguns minutos e voltam a quebrar, durante o almoço, sempre perguntam se a outra quer provar da mistura², levam frutas que comem durante o trabalho, às 15hs elas comem o restante do almoço que sempre deixam para a lanchar. Hoje durante o intervalo para o “lanche da tarde”, dona

² Mistura é a carne, verdura e frutas que acompanha o arroz no almoço que elas levam para comer no mato durante a quebra do coco.

Raimunda contou uma história que aconteceu em uma das suas jornadas de trabalho na quebra do coco:

Um dia, durante a quebra do coco, vinha vindo um homem com cavalo, era o vaqueiro da fazenda, falando só nomes feios (xingando) esse homem vinha doido e eu escutava o pé do cavalo fazendo barulho pisando firme no chão, aí eu me lembro que eu vir uma das companheiras perto, mais não me lembro se vir a outra, aí eu voltei pra trás na carreira, não sei nem por onde eu passei, me escondi atrás de um pé de coco, porquê de a gente só escutava o barulho dos pés do cavalo e o vaqueiro não falava nada, quando gritou alto! para desgraça! Aí eu digo: vai pegar, eu pensei, não tem? Aí eu me lembro quando as meninas vinham, eu disse assim, bem baixinho: ei, traz a vazia do da comida; aí elas:- que diabo de vazia de comida? E eu: - lá escondida detrás do pé de coco (Raimunda, 63 anos. Entrevista 2024),

A forma como o vaqueiro surge diante dessas mulheres, traz uma relação de intimidação que pode gerar conflitos, episódios como esse podem ser compreendidos como violência simbólica. Ao mesmo tempo mostra o companheirismo que reforça a resistência dessas mulheres diante dos contratempos que surgem.

O terceiro encontro foi realizado no dia 19 de setembro às 7hs da manhã. O dia de acompanhamento das mulheres na quebra do coco era sempre combinado no encontro anterior, devido à possibilidade de surgimento de algum imprevisto, caso a observação e entrevista necessitasse ser adiada, enviavam mensagem avisando antecipadamente. Neste dia, o local de coleta foi outro bem distante cerca de 5 quilômetros de distância, na mesma fazenda do senhor Junior, mas em outra direção, sem contar os quilômetros percorridos a pé para juntar os cocos em um só lugar. Devido aos problemas de coluna de uma das quebradeiras, a caminhada não foi muito longa. Percorremos um longo trecho de carro pegando carona com uma pessoa conhecida. Fomos deixadas até um local onde não entrava carro, seguimos a pé pelo mato até chegar onde havia coco o suficiente para quebrar o dia inteiro. Chegando no local pegaram um saco de fibra e seguiu cada uma para uma palmeira, juntando e carregando para o local escolhido para sentar. As mulheres contam quatro viagens de cada, que dá para quebrar o dia todo. Não carregam muito de uma vez só, porque sentem dor na coluna.

Para fazer a coleta do coco é necessário se proteger do sol e da mata, então elas sempre estão de sapatos fechados, camisa manga longa, calça e chapéu. Ao terminar a coleta do coco, elas trocam a roupa por uma mais confortável, tomam

água, cortam palhas e fazem uma proteção contra o sol, organizam seus machados, e iniciam o trabalho do dia. Ao observar toda a jornada de trabalho até iniciarem a quebra do coco, pergunto se elas não vão descansar um pouco, antes de iniciar a quebra, e elas me respondem que descansam durante a quebra.

Uma curiosidade é que Dona Raimunda quebra o coco até encher um saco de casca, depois, ela amarra e coloca atrás de suas costas, sempre que está doendo a coluna, ela se encosta no saco de casca, servindo como apoio para as costas durante a jornada da quebra do coco. Já Mirtes, prefere sentar sempre de costas para uma árvore, quando precisa descansar, só encosta as costas na árvore, aguarda alguns minutos e continua a quebrar. O coqueiral não é muito fechado, tem uma visão a longa distância, venta bastante, quando vento bate na palha, parece um furacão, derrubando tudo, e elas simplesmente falam: “-hoje tá bom, tá ventando muito! É bom que não faz calor!”. Por ser mais distante de casa, saímos às 16 horas do mato, lá sempre escurece mais cedo, sem contar com a distância até onde foi combinado para a moça do carro nos buscar. Com um saco de amêndoas na cabeça, outro nas costas, com os pertences e o machado na mão, rasgamos o mato seco que arranha as pernas. Passamos por mata fechada, ora por pastos que coçam o corpo, e enquanto caminhava em meio tantos obstáculos, a interlocutora Raimunda contou mais uma das tantas histórias vividas naquele ambiente:

Outra vez nós vinha vindo, lá se vinha a vaca, quando eu olhei a vaca vinha matando a carreira já perto, eu disse: Mirtes! a vaca! Quando eu disse Mirtes a vaca, eu passei na frente, aí escutei um matinho quebrar, só escutei na minha cabeça mesmo, que eu nem olhei pra trás, digo eita! Mirtes, a vaca matou a Maria, Maria era a outra companheira que andava mais nós, mas, mesmo assim, eu não parei, e a Mirtes estava na frente gritando a vaca tentando afastar ela, aí eu tive que parar e ver o que acontecia (Mirtes, 52 anos. Entrevista em 2024).

Através de relatos como esse é que se percebe o quanto as quebradeiras de coco estão vulneráveis, e os perigos que surgem durante o trabalho no campo, onde se divide espaço com várias espécies de animais, vem mostrar o companheirismo, a importância do trabalho e a valorização da cultura da quebra do coco no povoado passarinho.

No quarto encontro, no dia 27 de setembro, saímos às 7:30 da manhã. Como

fomos para um local mais próximo de casa, neste dia uma vizinha iria fazer carvão das cascas dos cocos que elas quebrassem. Seguimos na mesma direção, com uma diferença dos outros dias, Mirtes comemora a aposentadoria do seu esposo e Dona Raimunda reclama do machado que está “cego” (sem amolar), pois a pedra de amolar havia sumido e ela não gostava de amolar com esmeril. Chegando no local, cada uma faz uma vassoura de mato e varre um bom espaço ao redor do monte de cocos que elas juntaram no dia anterior. Pergunto o porquê do tamanho do espaço limpo, e elas respondem: *“-como juntamos os cocos ontem, pode ter escorpião ou cobra aí dentro, já aconteceu de deixarmos junto e quando estamos quebrando sair cobra do monte de coco”*. Após o limpo feito, iniciam o trabalho do dia, sempre dispostas e sorridentes, notei que o companheirismo é uma das qualidades que elas dispõem, preocupam-se uma com a outra, com a família e com a saúde, uma está sempre questionando se a outra está bem, se vai aguentar até a tarde, aconselhando levantar-se um pouco para descansar as costas e lembrando que elas precisam tomar água.

Figura 2: Mirtes e Raimunda entrando na mata



Fonte: Raimunda, 2024

A história de luta dessas mulheres, ressalta o espírito de solidariedade, companheirismo e cuidado mútuo entre as trabalhadoras, que pode ser comparado às obras que abordam uma vida comunitária e de união em contextos de luta e trabalho. Um livro que assemelha essa descrição é Quarto de Despejo, de Carolina

Maria de Jesus, no qual a autora retrata a vida nas favelas de São Paulo com um olhar atento para a solidariedade e as dificuldades compartilhadas. E constata-se que “As dificuldades cortam o afeto do povo pelos políticos” (JESUS, 1997, p. 28).

Outro exemplo, é a obra literária *Vidas secas* de Graciliano Ramos (1892-1953), que traz momentos em que os personagens dependem uns dos outros para sobreviver às adversidades, lutando contra fome, falta de oportunidade de trabalho. O livro ressalta a luta pela sobrevivência, pontua-se questões sociais, políticas e econômicas, reconhecendo as desigualdades sociais. Ambas as obras literárias revelam um olhar sensível sobre a vida de pessoas excluídas da sociedade que precisam se apoiar para enfrentar as dificuldades e adversidades de uma vida de escassez.

Ao final do dia, pegamos a estrada para casa. Hoje as quebradeiras não conseguiram chegar em casa com o saco de amêndoas na cabeça, pois estavam fatigadas do exaustivo dia de trabalho. Ao avistar a primeira casa, à beira da estrada, deixaram tudo que traziam e seguiram. O esposo da dona Raimunda foi buscar os sacos com um carrinho de mão. Diante da dificuldade que dona Raimunda se encontrava para caminhar, sentindo dores nas pernas, perguntei o que elas ainda fariam naquele dia, diferente das respostas anteriores, responderam que simplesmente tomavam banho e jantavam, o esposo que iria se virar, pois sentiam dores em todas as articulações.

A autora Maria Carolina de Jesus (1914-1977, p.10) reconhece que em dias atuais somos escravos do nosso custo de vida. Sabe-se que o trabalhador luta para ter uma vida digna, mas, ao mesmo tempo, se contenta com as dificuldades por não saber a saída por serem esquecidas pelos governantes, por falta de incentivo com associações para as quebradeiras que serve como um alicerce para continuar lutando pelo pão de cada dia.

A entrevista com as quebradeiras de coco que não vão para o mato, foi concedida da seguinte forma, Mirtes indicou Dona Lourdes que também é minha conhecida. Entrei em contato por telefone com a filha dela, expliquei o meu objetivo, e ela prontamente respondeu: “-pode vir, a mãe gosta de falar desses tempos”. Dia 25 de setembro de 2024 às 8 horas fui até Dona Lourdes conversar sobre o melhor dia para ela me conceder uma entrevista, ela me fez sentar e iniciar logo a conversa, que não tinha nada para fazer naquele dia e que não estava disposta para quebrar coco. Então conversamos sobre seu longo caminho pela quebra do coco, Dona

Lourdes tem 86 anos e muita disposição, mas às vezes lhe foge a memória e ela acaba passando de um assunto para o outro sem finalizar.

A entrevista com a Andréia foi um acaso, estávamos indo para o mato e passamos de frente à casa da sua mãe que estava varrendo à frente da casa. Quintal grande, tudo limpinho, vento levantando os cabelos, as galinhas cantando no quintal, os pés de frutas todos carregados e aquele cheirinho de feijão cozinhando no fogão a lenha. Foi quando a mãe de Andréia surgiu, nos avistou e falou: *“-já vão né? Eita! Mas eu queria aparecer nesse trabalho de faculdade, para sair minha foto e eu ficar famosa!”*. Disse a ela que poderia participar, perguntei se quebrava coco, ela sorriu e as companheiras falaram: *“-era uma das nossas companheiras, largou de ir pro mato por motivo de saúde, agora só quebra em casa”*. Ela respondeu: *“-tenho vergonha de falar, entrevista minha filha, ela sabe muito, fez até trabalhos sobre as quebradeiras de coco quando estava na faculdade”*. A filha era Andreia, que Mirtes logo me enviou o contato.

Para realizar a entrevista com Andreia, entrei em contato por telefone, expliquei sobre o trabalho e como cheguei até ela, ela respondeu: *“-posso sim, como estou no trabalho, podemos marcar uma hora, pode ser por telefone”*. Então marcamos para 29 de setembro às 9 da manhã, por motivo de trabalho, a entrevista aconteceu por telefone.

A entrevista com Alzenir, outra quebradeira de Coco, foi na minha residência, e por sermos vizinhas entrei em contato pessoalmente, expliquei o objetivo do meu trabalho e ela prontamente aceitou.

A entrevista com o senhor Raimundo foi agendada após eu observá-lo ajudando sua esposa Mirtes a quebrar o coco. Ao chegar em casa, liguei para Mirtes e perguntei se seu esposo aceitaria conversar sobre sua experiência como quebrador de coco. Ela prometeu verificar com ele e me avisar. Logo depois, Mirtes entrou em contato dizendo que ele aceitou e não tinha problema em falar sobre o assunto, embora fosse tímido. Respondi prontamente que não seria nada formal, apenas uma conversa sobre quebrar coco. Assim, marcamos a conversa para o dia 18 de dezembro.

Nesta pesquisa foi utilizado o método de observação participante e como método de procedimento a história oral que tem a finalidade de utilizar como fonte histórica as vidas, trajetórias de pessoas comuns, aqueles que são e foram geralmente esquecidos nas grandes narrativas da história. Nesse sentido, a história

oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história (Thompson, 1992), para descrever sobre a história de vida das mulheres. Trata-se de um trabalho qualitativo, cujo objetivo é evidenciar a história de vida, luta e resistência das mulheres quebradeiras de coco do povoado Passarinho.

Para o levantamento dos dados da pesquisa, foram utilizados como procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica, trabalho de campo, história oral e entrevistas. Neste processo, seguiu-se as seguintes fases: 1) levantamento do referencial teórico; 2) trabalho de campo com observação participante para reconhecimento do processo produtivo adotado pelas quebradeiras de coco; 3) registros fotográficos; 4) realização de entrevista com cinco mulheres de faixa etária entre 44 e 85 anos e um homem de 61 anos. Vale ressaltar, que o critério para a seleção dessas pessoas a serem entrevistadas é o da assiduidade no trabalho da quebra do coco, além do maior acúmulo de experiência nessa atividade.

Neste trabalho, procurei desenvolver através do diálogo uma confiança entre pesquisadora e pesquisados (as). Assim, os relatos obtidos favorecem uma compreensão dos fatos, esclarecendo as diversas dificuldades que essas mulheres enfrentam na luta para garantir o sustento familiar e cumprir seu papel de defensoras, tanto do livre acesso ao coco babaçu, quanto do meio ambiente. Por fim, com base no levantamento desses dados serão feitas as análises e discussões que irão compor este trabalho.

2 CULTURA E PRÁTICA DA QUEBRA DO COCO NO TOCANTINS E NA REGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO

Este capítulo aborda a prática da quebra do coco babaçu que gera economia e faz parte da cultura das comunidades tradicionais do Tocantins, tendo como principal a região do Bico do Papagaio, localizada no Norte do Tocantins, faz divisa com os estados do Maranhão e Pará. Para compreender a importância da economia do babaçu é necessário construir um fortalecimento da economia, intensificar a conservação dos babaçuais, possibilitando melhores condições de vida para a comunidade que depende da atividade extrativista. No povoado Passarinho, a atividade econômica dominante é agricultura, agropecuária, horta e quebra do coco babaçu.

De acordo com a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística (IBGE), a microrregião do Bico do Papagaio possui 25 municípios e uma população de 223.786 habitantes, conforme estimativa de 2022³

Essa região é tomada pela palmeira de coco babaçu, uma vegetação que possui símbolo de resistência e que tem como principal meio de sustento para as famílias camponesas a quebra do coco. Mas essa prática não se baseia apenas na apresentação cultural, existem buscas pelos direitos, direitos estes que são marcados pela luta pelo acesso a territórios, resistência contra o avanço do agronegócio, atividade econômica que tem causado grandes impactos na região, como desmatamentos, destruição de áreas de preservação para criação de gado, levando a extinção das palmeiras e contaminação do solo por agrotóxicos. O que leva as quebradeiras de coco a criarem associações que demandam o livre acesso aos babaçuais, buscando fortalecer o direito das comunidades em que vivem. As quebradeiras de coco do Povoado Passarinho não dispõem de uma associação que as auxilie, o que torna a luta dessas mulheres ainda mais desigual.

A cidade de Tocantinópolis na qual pertence o povoado Passarinho, alcançou no século XIX, sucesso econômico, quando integrava a rota que ligava Goiás e o Norte do País, o babaçu foi um dos primeiros produtos explorados na região. Compõe a região os municípios de Angico, Ananás, Aguiarnópolis, Augustinópolis, Esperantina, Itaguatins, Praia Norte, São Bento, São Sebastião, Luzinópolis, Cachoeirinha e Tocantinópolis. O Bico do Papagaio é um território com distinções. Por um lado, se encontra a pressão do agronegócio, por outro, as comunidades que através da resistência impõem seus desejos de modelo de desenvolvimento sustentável, abrangendo também a preservação ambiental⁴.

Essas mulheres estão inseridas num contexto desafiador, onde lutam por uma qualidade de vida melhor, pela solução dos problemas sociais que afetam a comunidade e pelas questões ambientais que afetam o meio ambiente. Questões essas que influenciam a história dessas mulheres em um contexto permeado por desigualdades. Schwartz (2017), diz que a maioria das quebradeiras de coco são mulheres negras, descendentes de quilombolas ou indígenas que vivem na zona rural, muitas analfabetas e que só conhecem a comunidade onde vivem, tendo

3 Folha do Bico, 2022, disponível em, <https://www.folhadobico.com.br/bico-tem-mais-de-22...> (acessado em 07. 05. 2024)

4Fonte: Governo do Tocantins. Disponível em: <https://www.to.gov.br/bico-do-papagaio/188qs3gvjbuw> Acessado em: 07/05/2024.

como seu principal meio de subsistência a agricultura e o extrativismo. Em muitos casos, o coco babaçu é apenas um complemento da renda. Como mencionado anteriormente, a agricultura traz os meios de sustento alimentar e em alguns casos, o Programa Bolsa Família é parte da renda de algumas delas.

A falta de acesso às políticas públicas reflete na saúde e nos serviços públicos aos quais se tem direito, essa dificuldade é refletida na posição social como as desigualdades de gênero, classe e raça presentes nas comunidades.

Constata-se que estas mulheres dependentes desse recurso natural, passaram a ter seu acesso negado por aqueles que dispõem de maiores poderes sobre a terra, em um ambiente coberto pela proteção desgovernada de proprietários de terras que passaram a destruir o meio ambiente com a derrubada das palmeiras, o envenenamento das pindobas e queima dos pastos que afetam também grande parte das palmeiras. Diante das proibições das quebradeiras de coco, estão as cercas elétricas, vaqueiros com autorização para expulsar, porteiras com cadeado, cães bravos e até palavras de baixo nível.

A cultura da quebra do coco traz inúmeras formas de compreendermos a maneira como vivem inúmeras famílias que não tem acesso a nenhuma assistência do governo, algumas nem documentos tem, e quando tem, falta ajuda de quem entende. Muitas são analfabetas, necessitam de informações detalhadas e muitas vezes, por não serem vistas como cidadãos, acabam por seguir o único meio de vida que lhes restam. A maioria delas saem cedo, deixam filhos recém-nascidos para os filhos mais velhos cuidarem e voltam ao pôr do sol, exaustas, retirando o último suspiro de força para cuidar de quem ficou lhe esperando em casa. Em vários casos, muitas são mulheres abandonadas pelos maridos, relatando que foram trocadas por seus companheiros que estavam em busca de mulheres que se “vestem melhor, que eram mais elegantes”. Segundo a interlocutora Alzenir, estes que abandonam “são homens que saem à procura de trabalho em outros estados, conhecem mulheres elegantes, que falam bem, e tem vestuários a seu gosto, muitos não voltam, e só alguns mandam dinheiro para família”. De acordo com Alzenir, isso acontece porque essas mulheres precisam trabalhar, precisam sobreviver e na maioria das vezes, deixando a aparência de lado, a prioridade não estar em investir em si, pois às vezes elas não têm tempo para se cuidar e abdicam da própria saúde e da própria vaidade, resultando no abandono por seus companheiros e sendo trocadas.

Enquanto o homem vai esquecendo que a mulher que ele abandonou se tornou uma pessoa cansada, muitas vezes com a saúde debilitada, porque estava correndo atrás do sustento familiar em muitos casos, o trabalho da lavoura não traz muito lucro ou para quem não tem estudo tudo fica mais difícil, e assim acaba servindo apenas para alimentar-se e muitas vezes uma má alimentação. É uma cultura pouco valorizada por ser tão cultivada e contribuir com a economia e com o sustento de pessoas que não dispõem de outras alternativas. Para Andrade (2003, p.446), “Esse tempo é demarcado, portanto, por acontecimentos de profunda significação para a vida dessas famílias”.

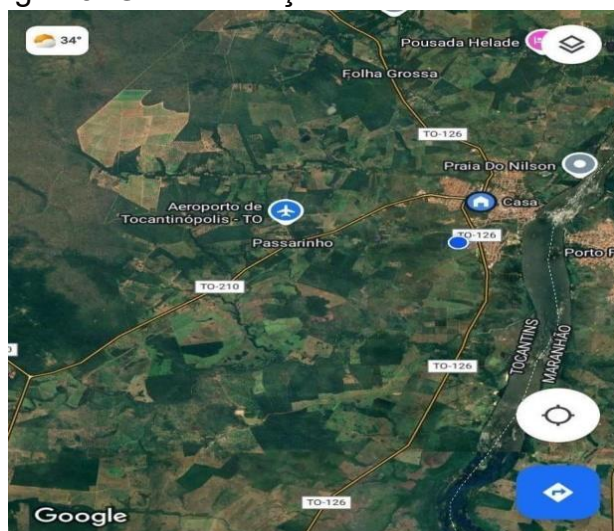
2.1 História do povoado

O povoado Passarinho está localizado no município de Tocantinópolis, no estado do Tocantins, na região do Bico do Papagaio.

Trago como base inicial o histórico do povoado, que teve início em 1933, totalizando 91 anos. Durante esse tempo, essas mulheres e suas gerações anteriores, buscaram por meio da quebra do coco, conseguir o sustento da família.

De acordo com Sousa; Vieira e Lena (2017-2008, p. 46-68), a região do Bico do Papagaio está situada ao norte do Estado do Tocantins, fazendo fronteira com os estados do Maranhão e Pará, próximo às margens dos rios Araguaia e Tocantins, cujo formato da confluência, lhe inspirou o nome Bico do Papagaio. Essa região, tem sua dinâmica de ocupação territorial ligada à presença de indígenas e quilombolas, além dos migrantes das frentes de expansão mais antiga, formada por trabalhadores dos estados do Nordeste, como Maranhão, Ceará e Piauí. Famílias que buscavam terras desocupadas para a prática da agricultura e do extrativismo, consolidando a dinâmica de produção de subsistência que caracteriza a região.

Figura3: Geolocalização do Povoado Passarinho



Fonte: Google Maps, 2024.

Para as interlocutoras, no início tudo era mais fácil, havia mais palmeiras pelo fato de não haver muito desmatamento. Segundo as interlocutoras, o povoado é popularmente denominado por seus moradores como “Passarinho”, mas afirmam, ainda, que o nome original chama-se Palmeirópolis. Fundado através de famílias que vieram de vários estados a procura de uma vida melhor, assim os filhos foram crescendo, foram se casando, construindo famílias e o povoado foi se desenvolvendo coletivamente. Antes as terras não tinham dono, podendo construir casas ou plantar uma roça em qualquer lugar. Segundo Lourdes, o povoado foi crescendo a partir das terras que foram compradas ou adquiridas:

As pessoas que chegavam no Povoado construíam casas onde queria, depois que apareceu dono das terras, foram surgindo compradores, assim foram aumentando a população e desenvolvendo empregos através das grandes fazendas e conseguiram desenvolver uma comunidade que hoje tem mais de mil famílias (Lourdes, 85 anos. Entrevistada em 2024)

No relato de Lurdes e de outros moradores o povoado foi crescendo a partir dessa divisão de terras, da compra das fazendas e dos indígenas que habitam nas proximidades.

2.2 A PRÁTICA DA QUEBRA DO COCO

Sobre a prática da quebra do coco babaçu, começa com a coleta dos frutos que caem das palmeiras, que ocorre geralmente entre os meses de junho e janeiro. As mulheres quebradeiras de coco percorrem os babaçuais em busca dos cocos que caíram naturalmente das palmeiras.

Figura 4- Dona juntando coco



Fonte: Raimunda, 2024.

Figura 5- Palmeira de babaçu



Fonte: Raimunda, 2024.

Os frutos depois de colhidos, são reunidos em um local onde vai ocorrer a quebra, muitas vezes no fundo das casas, onde geralmente tem uma pequena casa que elas costumam chamar de “casinha dos cocos”, ou muitas vezes são quebrados ao ar livre, embaixo do coqueiral, onde são cortadas as palhas e talos do babaçu e é

feita uma espécie de “latada” - palhas deitadas por cima dos talos que formam sombras - utilizando instrumentos como um machado, um pedaço de madeira redondo e pequeno que elas chama por nome de cacete (usado para bater e partir o coco sobre o machado). As quebradeiras costumam usar também uma espécie de forquilha (pau de dois ganchos), para colocar embaixo do cabo do machado, assim fica suspenso e com uma maior firmeza na hora de quebrar o coco.

Sobre a quebra do coco, o processo é manual e requer habilidade e força. Posiciona-se o coco na marcação do machado, e com golpes firmes, a quebradeira divide o fruto em partes. Cada parte é aberta para extrair as amêndoas, que são as partes mais valorizada do fruto, utilizada na produção de óleo para alimento, cosméticos, sabão, entre outros produtos.

Além das amêndoas, todas as partes do coco babaçu são aproveitadas, a casca externa, mais dura, é usada como combustível, a casca interna é transformada em carvão ou adubo, e o mesocarpo (parte intermediária do fruto) pode ser usado na produção de farinha ou ração animal. As palhas são usadas para cobrir e tapar parede, fazer esteira, que antigamente servia como mesa para refeição, forrar o chão servindo de dormida e servia como porta, retirando as palhas ficam os talos, que servem para “envarar” (colocar varas horizontalmente, prendendo os caibros (estrutura para montagem de telhados) das casas de taipa) para segurar o barro, quando são tapadas de barro, as palmeiras servem para construção, substituindo a madeira e o palmito é usado na culinária, o coco babaçu se cortado inteiro faz artesanatos que é fonte de renda onde tem associações que invertem no trabalho das quebradeiras de coco. Cada palmeira produz de 3 a 6 cachos de coco por ano, geralmente em torno de 5 mil cocos que podem alcançar até 17 amêndoas em cada coco. Esse aproveitamento reflete o conhecimento tradicional das quebradeiras e sua relação sustentável com o meio ambiente.

A quebra do coco babaçu geralmente é realizada de forma coletiva, envolvendo várias mulheres da mesma família ou comunidade, na maioria das vezes elas saem para quebrar coco no mato, sempre em grupos de duas ou mais pessoas. Essa organização aumenta a eficiência do trabalho, fortalece os laços comunitários e cria um ambiente de cumplicidade, solidariedade e apoio. Antes de iniciar a quebra do coco, elas saem à procura das melhores palmeiras, segundo elas, as que têm os cocos mais redondos costumam ser as melhores, após se juntarem em um só lugar, sentam-se em círculo e iniciam a atividade do dia.

Durante a quebra do coco é possível escutar um pouco de cada história já vivida por essas mulheres durante a estadia no mato, são inúmeras histórias, algumas perigosas e outras engraçadas, mas que elas sempre conseguem resolver e acabam ficando na memória.

Figura 6- Amêndoas de coco babaçu quebradas durante o dia



Fonte: Raimunda, 2024.

Figura 7- Azeite extraído do coco babaçu durante a semana



Fonte: Raimunda, 2024.

3 HISTÓRIAS DE VIDA DAS MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO DO POVOADO PASSARINHO

Neste capítulo é abordado a história de vida das mulheres quebradeira de coco no seu cotidiano e como conciliam a vida da dona de casa com esta prática.

Durante a pesquisa, entrevistei cinco mulheres e um homem, ressaltando que o homem em questão é esposo de Mirtes, uma das quebradeiras. Como mencionado anteriormente, Mirtes, seu esposo Raimundo, e dona Raimunda, são meus conhecidos de longa data, e já participaram de uma pesquisa comigo sobre quebradeiras de coco no ano de 2019, pude acompanhá-los durante um dia a sua jornada de trabalho na quebra do coco. Entrei em contato por telefone com Mirtes que falou com dona Raimunda que aceitou conversar pessoalmente, e seu Raimundo que também exerce a mesma profissão não negou ser entrevistado, ele só não quebra coco no mato porque tem problemas de coluna, e a quebra do coco em casa é menos cansativo. Mirtes e Raimunda são casadas com dois irmãos. Expliquei sobre a pesquisa e marcamos uma conversa presencial, e ao longo da conversa elas compreenderam o objetivo da pesquisa e aceitaram ser acompanhadas.

3.1 Como aconteceram as entrevistas

Mirtes e Raimunda quebram coco no mato, portanto, optamos por realizar as entrevistas no próprio local de trabalho. Durante o dia, entre uma conversa e outra, sempre surgia um assunto que cabia uma pergunta, então era lançada a pergunta e elas respondiam enquanto quebravam coco.

A entrevista com Mirtes aconteceu primeiro, mesmo diante das dificuldades que tem essa profissão, ela não reclama da vida que leva, e falava com convicção da luta que enfrenta para conseguir o sustento familiar, sempre alegre, ela falava dos dias bons e ruins que já se passaram na sua vida.

A entrevista com Dona Raimunda que também aconteceu durante a quebra do coco, foi mais difícil, ouvir de uma mulher que passou por tantas dificuldades e mesmo assim continuou de cabeça erguida. Assim, ela continua uma mulher que luta pelos seus direitos e valoriza sua profissão de quebradeira de coco.

Dona Lourdes foi a terceira entrevistada. Sua fala era carregada de boas lembranças e para ela o sofrimento era algo que ficou no passado. Conversamos sobre seu longo caminho percorrido pela quebra do coco, com 86 anos ela tem muita disposição para compartilhar suas experiências de vida.

Andreia foi a quarta entrevistada, e quebra coco mais aos finais de semana ou quando está de folga do serviço.

A entrevista com Alzenir foi pessoalmente, expliquei o objetivo do meu trabalho e ela prontamente aceitou. A quinta entrevista foi uma mistura de emoções e lembranças boas e ruins da entrevistada. Posso falar que de certa forma participei dos seus momentos de tristezas e alegrias ao lembrar como foi sua jornada de trabalho ao longo da vida em busca do coco babaçu para ajudar a família ou muitas vezes por ser a única forma de alimentar seus filhos. Participar deste momento em que as lágrimas da entrevistada descem no rosto com a lembrança de quem já sofreu tanto, para não deixar faltar alimento em casa, também me valeu muitas lágrimas.

A entrevista com seu Raimundo foi pessoalmente durante a quebra do coco na casa dele. A sexta entrevista foi uma mistura de descobertas e quebra de timidez, pois não costumava ser assistido quebrando coco por pessoas que não fazem parte do seu convívio, nem tem o hábito de falar sobre essa prática. Mas mesmo assim não tem problemas em falar sobre a quebra do coco nem esconde que exerce a profissão.

A justificativa para esta pesquisa reside na importância de conhecer o tema da História de Vida, Luta e Resistência da comunidade Passarinho no contexto de Tocantinópolis, pois o que se percebe é que mesmo após longos anos de luta a comunidade permanece invisível aos olhos dos governantes e as demandas relativas a manutenção do acesso livre ao coco babaçu continua insolúvel, com avanço da fronteira agrícola (MATOPIBA) ou por outras propostas de caráter similar. Com essa observação, esta pesquisa sugere enriquecer as discussões acadêmicas no que se refere às políticas relacionadas aos direitos das quebradeiras de coco babaçu. E tem como objetivo fornecer percepções para a preservação da identidade cultural e territorial da comunidade Passarinho, contribuindo para valorização ambiental.

A metodologia da entrevista e história oral, traz o reconhecimento do processo que envolve as mulheres quebradeiras de coco, assim buscamos compreender como se dar a produção do seu trabalho e os benefícios que são alcançados, relatando a importância que tem esse processo da quebra do coco, distinguindo e compreendendo como a falta deste produto causa impactos na renda familiar.

Os autores Morais e Almeida (2021), ressaltam que:

[...] por meio das entrevistas, buscamos compreender a forma como ocorre o protagonismo das mulheres camponesas nesse processo de

resistência e luta pela terra como um direito social. Procuramos entender a singularidade de cada história, não desconsiderando as aproximações existentes nas suas particularidades, tendo em vista que suas origens apresentam, dentre outras semelhanças, a vinculação ao mundo rural. (Morais; Almeida (2021)

Abordar essa temática, fortalece para o entendimento dessas mulheres enquanto agentes de transformação de pequenos povoados, que tem como fonte de renda, o extrativismo, porém, de forma que preservem os frutos nativos da região. Sabe-se que as quebradeiras de coco são mulheres, mães que realizam as atividades domésticas e trabalham com o coco e assim agem para construir suas próprias condições de vida. Pois nessa sociedade patriarcal, onde é atribuída à mulher as tarefas como cuidar da família e manutenção da casa, a quebra do coco está historicamente ligada às mulheres por ser uma atividade manual que exige mais habilidade com tal ofício. Dessa forma, a mulher tem que conseguir conciliar as tarefas domésticas com o trabalho, garantindo assim, o sustento familiar sem precisar se deslocar para outras regiões.

No povoado Passarinho a quebra do coco é para muitas mulheres, uma alternativa de complementar a renda, principalmente para quem não teve acesso à educação. Nesta pesquisa leva-se em consideração a importância da memória coletiva baseada em Andrade (2007), que diz que esta memória é marcada por várias vozes, onde cada um tem a sua história e que juntos produzem a história do grupo.

O convívio com essas mulheres têm mostrado as dificuldades que elas encontram para garantir o sustento familiar, percebe-se que a prática da quebra do coco é a própria resistência, porque o fato de acessar o coqueiral já é uma atividade que requer persistência. Muitas dessas mulheres já estão com a saúde debilitada e a quebra do coco já não é realizada todos os dias, seus modos de vida já não são mais os mesmos. A luta pela sobrevivência trouxe junto o cansaço que torna cada vez mais difícil enfrentar uma jornada de trabalho. Assim Louro (1997) afirma que:

A invisibilidade feminina reflete especialmente nas trabalhadoras e camponesas, ao longo da história elas vem rompendo essa invisibilidade por meio da atitude. Atitudes essas que as levam a estarem presentes nas atividades de produção. Mas que as tornavam desvalorizadas e enganadas. Mas que mesmo assim são indispensáveis em um ambiente de produção e resistência. (LOURO,1997, p.17).

O autor diz que as mulheres não são vistas, mesmo quando exercem algum

tipo de trabalho remunerado e aos poucos vão rompendo barreiras por sua luta e determinação e que neste meio são enganadas e desvalorizadas, mas, ainda assim, indispensáveis por sua resiliência.

De acordo com as quebradeiras, a quebra do coco acontece em momentos intercalados com outros afazeres. Algumas delas já não tem mais idade, como não aguentam ir com frequência, vão de uma a duas vezes por semana. Raimunda tem hérnia de disco e precisa levantar-se com frequência para descansar a coluna. Quando ainda vão juntar o coco, no dia de quebrar, não costumam render muito, pois ao terminar já estão cansadas. Durante a quebra do coco, Raimunda quebra vários, em pedaços, parte a banda do coco ao meio formando duas partes de cada banda, faz um monte considerável, depois volta quebrando.

Segundo elas, o trabalho rende mais rápido, já que uma rodada é mais demorada, pelo fato do coco estar inteiro. A segunda rodada é mais rápida pelo fato do coco está meio caminho andado, ela também já leva o coco picado no jeito de torrar, cada amêndoa, ela corta em três pedaços. Cujas mulheres moem o coco em uma forrageira elétrica que coloca uma quantidade de amêndoas, um pouco de água e rapidamente sai moído, o que acelera bastante o término do trabalho. Antes, o coco era moído no pilão, onde era pisado com uma mão de pilão (pedaço de madeira fino no meio) até ficar bem fino, depois modernizou, veio o moinho, que precisava de muita força no braço, cabia pouco coco, toda hora precisava encher, esse não levava água, apenas força e uma varinha de madeira para empurrar o coco para o meio do moinho quando ficava acumulado nas laterais do copo do moinho.

Entende-se que antes era mais fácil para encontrar o coco, os fazendeiros eram mais cordiais, mas depois que começaram a derrubar as palmeiras para fazer pastos para o gado, o coco ficou escasso, e só quem tem muita terra é que ainda libera para elas entrarem, terras estas que ficaram bem mais distantes de suas casas.

Schwendler et al (2018), apontam que o vínculo com os movimentos de luta pela terra contribui para construção e possibilita acesso a programas e projetos, enquanto isso, lutam por espaços dentro dos territórios para então afirmar sua identidade camponesa. O acesso à terra, exprime a defesa de um modelo que consiste em viabilizar o desenvolvimento e produtividade. Através desta percepção, os movimentos sociais que lutam pela terra defendem projetos de agricultura

camponesa, baseado no direito que todos possuem ao acesso à alimentação saudável que está relacionado à cultura alimentar a região. Dando direito aos camponeses de adquirir seus próprios sistemas agrícolas e alimentares, produzindo assim, alimentos saudáveis que se adequem aos métodos sustentáveis.

Schwendler et al (2018), consideram que, com a evolução de longos estudos para promover variedades de alimentos melhorados, com fertilizantes e irrigação, acabam por excluir vários agricultores que não dispõem de condição para arcar com custos em tecnologia. Ao cultivar variedades melhoradas na agricultura, aumenta o uso do agrotóxico, causando sérios problemas ao meio ambiente e aumentando os riscos para os agricultores que podem perder sua cultura que ficará mais propensa a pragas e doenças, trazendo um mau desempenho aos agricultores menos favorecidos. Neste contexto, os camponeses trazem a luta de gênero na peleja pela terra, destituídos de direitos, acabam sendo as principais vítimas do processo de migração do campo para cidade, contribuindo para o fenômeno da masculinização do campo, sendo que a maioria desses casos de migração ocorre com a população de jovens e mulheres. O processo de masculinização ocorre pelo fato da figura masculina ser quem menos migra para zona urbana, enquanto as mulheres estão em maioria em relação ao abandono do campo.

Neste trabalho, ressaltamos o trajeto de vida das Quebradeiras de Coco do Povoado Passarinho, com o propósito de observar a trajetória que elas enfrentaram até aqui. De acordo com Goldenberg (2004, p, 56), este trajeto de vida deve ser compreendido e respeitado “[...] além disso, resgatam memórias, buscam lembranças que diz respeito ao passado mas se atualiza sempre a partir de uma lembrança no presente” e afirma que “[...] as lembranças não são falsas ou verdadeiras, simplesmente contam o passado através dos olhos de quem o vivenciou”.

3.2 PERFIL DAS QUEBRADEIRAS DE COCO

As quebradeiras de coco babaçu são mulheres fortes e resistentes que desempenham um papel fundamental na economia e na cultura das regiões onde o babaçu predomina, como também no Povoado Passarinho. São mulheres que geralmente começam a trabalhar ainda jovens, muitas vezes aprendem com familiares, como mães, irmãs mais velhas ou apenas observando quem exerce a

profissão. A maioria delas dão continuidade por várias décadas e acumulam grande experiência ao longo dos anos. Muitas além de quebrar o coco, realizam várias atividades domésticas e ajudam a cuidar da roça.

Silveira e Schwartz (2012), em sua pesquisa sobre o extrativismo do babaçu, declara que esse trabalho é intrinsecamente cultural enraizado nas mulheres habitantes de comunidades rurais, que programam suas tarefas domésticas em torno dessa atividade manual. Afirma ainda que “cujo ofício é a quebra, extração e manuseio deste produto, além da venda da amêndoa e da confecção de produtos dele originados” Silveira e Schwartz (2012, p.57). Esse tipo de trabalho requer habilidades manuais motoras com o uso de ferramentas como machado e facões para a extração das amêndoas. Essas mulheres desenvolvem um papel crucial na economia local e preservação ambiental. Esse conhecimento artesanal é repassado de geração em geração nessas comunidades.

A profissão da quebra do coco traz muito desgaste físico, por ser uma prática que requer força e agilidade, além do desconforto causado pelas horas passadas no meio da mata, na coleta e na quebra do coco. Conversando com as quebradeiras de coco babaçu, elas me relataram fatos sobre a saúde que muitas vezes impedem de trabalhar, a escassez em encontrar o coco e as dificuldades que já passaram na vida dependendo apenas da quebra do coco. Em suas falas podemos compreender melhor esse cenário. Em seguida, apresento o perfil e a trajetória de cada uma dessas mulheres, no qual tive a oportunidade de conviver e conversar.

I Mirtes

Mirtes é uma senhora de 52 (cinquenta e dois) anos de idade, de estatura baixa, é uma mulher que luta pelo que acredita. Mirtes nasceu em um povoado chamado Recanto, município de Aguiarnópolis – TO. Morava com seus pais e avós, quando seu pai comprou uma casa no Povoado Passarinho, enquanto seus avós foram morar na cidade de Santa Terezinha – TO. Na época ela com 6 (seis) anos de idade.

Quando comecei a quebrar coco, eu tinha meus 10 anos de idade, vou fazer 52 anos de idade. Quando comecei a quebrar coco, foi pelo o incentivo da minha mãe, mas não foi nem pelo incentivo, foi pela necessidade, porque ela se separou do meu pai, e naquela época era o único meio de sobrevivência, era quebrar coco, aí ela me levou para

quebrar coco para ajudar na despesa, para comprar mantimento para dentro de casa, isso eu tinha 10 anos de idade, e foi minha mãe que me ensinou eu quebrar coco. (Mirtes, 52 anos. Entrevista em 2024)

Segundo a interlocutora Mirtes, a geração que veio antes dela, já quebrava Coco, enquanto o homem trabalhava na roça a mulher quebrava Coco, na roça só produzia alimento e não tinha como arrumar dinheiro, só se vendesse o arroz que tinha para comer o ano todo, e isso não poderia acontecer, pois faltaria alimento. O coco servia para ajudar na alimentação, o azeite era usado tanto para temperar quanto para vender e comprar o que não era cultivado na roça, como mistura, roupas, calçados e outras precisões. Depois que seus pais se separaram, sua mãe teve que quebrar coco para comprar de tudo. Porque não tinha mais o arroz da roça, segundo ela, também aprendeu a quebrar coco com a mãe. A fala da entrevistada aponta para a situação das quebradeiras de coco, quando relatam que não tem terra e utilizam das terras de terceiros para praticar tal ofício.

Para mim foi difícil só eu aprender, depois que eu aprendi não achei difícil fazer não, as dificuldades foram muitas, antes tinha mais coco, era mais perto de casa, tinha mais gente que quebrava e se tornava mais alegre esse trabalho, nós éramos mais sadias, não tinha os problemas de saúde que tem hoje, como pressão alta, diabetes e algum outro problema que aparece de vez em quando. Hoje, as terras que tem perto de casa, foram todas vendidas, tudo tem dono e eles transformaram tudo em pasto, ainda tem palmeira, não é como antes, porque foi derrubada muito, mais é alguns que deixa entrar para catar coco. Agora mesmo nem tem, estamos indo para longe. (Mirtes, 52 anos. Entrevista em 2024)

O relato de Mirtes aponta para uma época em que o trabalho era mais satisfatório, não apenas pela fartura de cocos e proximidade das palmeiras, mas também pela saúde melhor dos trabalhadores. A transformação das terras em pasto e a derrubada das palmeiras são elementos que tornam mais grave a situação, obrigando os trabalhadores a se deslocarem para áreas mais distantes para encontrar coco: *“Eu gosto desse trabalho, para mim ele é muito importante, até hoje, e acredito que vai continuar sendo, mesmo que eu não aguento quebrar daqui uns tempos, por causa da saúde, mas não vou parar de vez”*. (Mirtes, 52 anos. Entrevista 2024).

Mirtes, enxerga o trabalho não apenas como uma fonte de renda, mas também como algo que lhe dá sentido e amor-próprio, o que é muito importante. Mesmo compreendendo que eventualmente será preciso reduzir o ritmo, a intenção de continuar de alguma forma, demonstra sua paixão e a importância desse trabalho em sua vida.

Figura 8- Mulheres quebradeiras de coco



Fonte: Raimunda, 2024.

Para mim a quebra do coco serve para duas coisas, pra fonte de renda, porque eu não sou aposentada, e meu esposo também não, é com ele que auxiliou na compra das coisas para nossa sobrevivência, e também para meu uso, eu uso o azeite de coco pra mim temperar, então serve para essas duas função, e é muito importante, porque com ele eu ajudo na despesa da casa e na alimentação, meus filhos não aprenderam, e a possibilidade deles continuar a profissão não tem, porque eu não ensinei esse meio, porque ele é muito cansativo, aí eu coloquei eles só para estudar mesmo (Mirtes, 2024. Entrevista em 2024)

A quebra do coco, ainda é uma fonte de renda para muitas famílias. Convivendo com pessoas que vivem dessa prática, pude perceber que os valores atribuídos a essa profissão são muito importantes, mesmo assim se escuta pessoas questionando sobre as mulheres que ainda mantém essa rotina de sair de casa logo cedo e passar o dia na lida. Percebe-se também que as novas gerações buscam outros meios de sobreviver e muitos acabam saindo dos Povoados a procura de empregos na cidade, não é raro encontrar apenas os pais, morando sozinhos e contando histórias dos filhos quando moravam juntos

Segundo a interlocutora Mirtes, quando vai pro mato com as companheiras, ela acorda às 05:30 (cinco e meia) da manhã, para preparar o almoço, umas 07:00 (sete) horas elas saem, chegando lá umas 07:30 (sete e meia) quando é perto, quando é mais longe chega umas 08:00 (oito) horas, ao chegar lá, elas ajunta os coco no mato e quebra lá mesmo, o local é na fazenda de um senhor, o único que

permite a quebra do coco, costumam voltar às 05:00 (cinco) horas da tarde.

Em casa, as condições são diferentes, onde ela precisa conciliar a quebra de coco com outras tarefas domésticas, muitas vezes sozinha. Isso evidencia a adaptação às condições variadas e a influência destas condições na experiência e no significado da atividade.

Quando eu vou pro mato mais as companheiras, eu quebro coco durante oito horas, às vezes mais de oito, mas quando é em casa é mais pouco, porque eu tenho que quebrar e fazer as coisas, nunca dar pra quebrar coco em casa sem fazer outro serviço. Quando quebro coco em casa é sozinha, mas quando saímos para quebrar no mato, é mais duas companheiras. Enquanto nós quebramos o coco, nós conversamos sobre assunto do dia a dia, família, o que passa nos jornais, e sobre o que nós lembramos na hora, conta história e às vezes a gente canta um hino, nós somos evangélicas, e sempre gostamos de cantar. (Mirtes, 52 anos. Entrevista em 2024).

Além da atividade da quebra do coco, Mirtes trabalha com hortaliças com seu esposo, planta feijão e mandioca para ajudar na renda, criam galinhas que servem para se alimentar e vender. Segundo a mesma, nunca receberam ajuda nenhuma do governo, nem suas companheiras de trabalho, fizeram pedido de um poço, para o vereador e o prefeito, pois o que eles têm é bastante raso e quando chega o verão ele seca. Mas até então nunca foram beneficiados.

II Raimunda

Raimunda é uma senhora de 67 (sessenta e sete) anos, negra, de estatura baixa e gosta de contar histórias, nascida no Povoado Passarinho, perdeu seus pais muito cedo, ela ficou morando com o irmão que era casado e morava no povoado passarinho. Como sua cunhada era uma mulher cruel, ela precisou aprender a se virar sozinha muito cedo. Aos 10 (dez anos) de idade, já morando com o irmão, aprendeu a quebrar coco olhando as outras mulheres quebrando, como necessitava se vestir e calçar, ela quebrava para vender. Depois de alguns anos casou-se com um homem que não ajudava nas despesas e continuou a profissão de quebrar coco.

Eu criei 7 (sete) filhos, e não tinha ajuda do marido, à ajuda dele era pra cuidar dos meninos em casa, nem de roça trabalhava, quando o dia amanhecia eu me mandava pro mato, era na chuva, era no sol, sempre quebrando coco, quando chegava colocava a janta no fogo e ia pescar

para arrumar a mistura para jantar, mais eles nunca faltaram na escola para trabalhar, sempre estudaram, hoje são formados, cada um tem sua profissão, hoje é mais tranquilo, se eu não quiser vir não tem problema, mas eu gosto de andar mais minhas colegas, jogar conversa fora, andar no mato (Raimunda, 67 anos. Entrevista em 2024).

É comum encontrar mulheres no povoado que trabalham e cuidam dos filhos sozinhas, mas que os filhos são assíduos na escola. Mesmo a mulher sendo pai e mãe ao mesmo tempo, se observa que não há grande mudança na convivência familiar.

Figura 9- Dona Raimunda quebrando coco



Fonte: Raimunda, 2024.

Meu marido era muito ruim, eu não podia tomar banho e trocar de roupa, tinha que ficar na roupa suja, não gostava que eu penteasse o cabelo, nem falasse com outras pessoas, já comprei veneno para tomar, mas quando cheguei em casa, ele arrumou uma briga comigo e me empurrou, aí a embalagem com veneno tava enrolada no cós da minha saia e caiu, e ele pegou, não disse nada, só se afastou de mim, ficou calado uns dias, daí pra frente nossa convivência melhorou mais e ele diminuiu as brigas, hoje vivemos em paz, mais aguentei muita coisa, sofri demais. (Raimunda, 67 anos. Entrevista em 2024).

A interlocutora Raimunda, conta que já houve tempo que fazia sabão com leite de coco, ficava tão forte que chegava a lesionar os dedos até sangrar. Ela contou que naquela época não havia muitas opções para fazer sabão, e no preparo do azeite, naquela época também, pisava o coco cru no pilão, peneirava, colocava na panela, e colocava fogo por cima usando um flande, (espécie de lata aberta) quando o coco amarelava bem, pisava novamente no pilão para depois iniciar o cozimento e então tirar o azeite.

III Lourdes

Lourdes é uma senhora de 85 oitenta e cinco anos, cabelos grisalhos, estatura baixa, semblante cansado da lida diária mas sempre disposta. Lourdes nasceu e foi criada no Povoado Passarinho, casou-se neste Povoado e foi morar com seu esposo em uma fazenda, depois de alguns anos quando saíram da fazenda, construíram sua casa de morada que era coberta e com paredes da palha do coco babaçu. Segundo Lourdes, só muitos anos depois a casa foi coberta de telha e feito as paredes de barro.

Lourdes começou a quebrar coco quando tinha apenas 10 anos. Embora sua mãe nunca tenha quebrado o coco, ela aprendeu com suas irmãs mais velhas. Elas partiam o coco em bandas, e Lourdes terminava de quebrá-los. Até hoje, aos 85 anos, ela continua realizando essa atividade. Ela ainda vende azeite e carvão, mas quando recebe encomendas maiores, chama duas mulheres para ajudá-la, pois agora trabalha mais devagar e demora para juntar coco suficiente.

Lourdes também menciona que antigamente torrava o coco no azeite, mas agora utiliza um método mais fácil: ela coloca o coco no forno de barro, ele assa durante a noite inteira, e no dia seguinte ela passa no motor (forageira elétrica). Ela possui uma casinha no quintal equipada para isso.

Por fim, Lourdes conta que não consegue mais juntar os cocos sozinha, então seus netos a ajudam nos fins de semana, mesmo quando estão de folga. Eles realizam a tarefa sem reclamar. Ela tem uma casinha no quintal onde afirma ter todos os materiais para exercer seu trabalho. Destaca ainda que nunca teve problemas com os donos das fazendas, sempre teve livre acesso para realizar sua atividade de forma pacífica.

Nunca me negaram coco, porque quando os fazendeiros chegaram eu já morava aqui e eles me cediam o coco. Os fazendeiros fizeram amizade comigo, só na fazenda de um, eu passei mais de 10 (dez anos) anos catando coco. Depois foi chegando mais, eu catava em todos. Hoje cato só em um, que é meu sobrinho, ele comprou essa fazenda que fica de frente minha casa, aí disse, tia vou reservar uma parte da serra (lado alto da terra) para senhora catar coco na hora que quiser, só a senhora cata. (Lourdes, 85 anos. Entrevista 2024)

Segundo a interlocutora Lourdes, dos seus três filhos, nenhum aprendeu a quebrar coco. Quando teve sua primeira filha já havia se separado de seu esposo, chegando a passar fome e o único meio de sustentar sua família era quebrando

coco. Usava as amêndoas para vender e temperar alimentos em casa. Ao extrair o leite do coco, usava o bagaço pisado para alimentar suas galinhas e as cascas do coco, eram usadas para fazer carvão. Pois naquela época sua única fonte de cozinhar alimentos, era com o carvão ou lenha.

De acordo com Lourdes, ela fazia um buraco no chão, colocava as cascas do coco babaçu dentro e tampava para que queimasse e assim, o carvão era produzido. Na hora de tirar as cascas, ficava abaixada com a cara na fumaça preta do carvão que causava muita doença no pulmão, queimava suas mãos e sentia dores na coluna de ficar muito tempo agachada.

Silveira e Schwartz (2012), endossa e completa as palavras de dona Lourdes quando descreve como é feito o carvão:

A produção de carvão a partir da casca do coco babaçu (endocarpo lenhoso) é feita geralmente em caieiras (buraco feito no chão do quintal), onde a casca é despejada e logo após, ateadado fogo. Após a queima, ocorre o desaquecimento, processo que consiste no resfriamento do carvão, para tanto, são utilizadas palhas verdes da palmeira de babaçu e da bananeira para cobrir o carvão e um pouco de terra para acelerar o desaquecimento. [...] Este carvão queima quatro vezes mais que o de madeira Silveira e Schwartz (2012, p.64-65).

A maioria são pessoas que não tiveram estudo e viu no coco uma oportunidade de vida. Lourdes fala que o coco babaçu tornou-se escasso depois que os fazendeiros passaram a vender o fruto para a Tobasa. Uma empresa que compra coco inteiro e que dispõe de muitos funcionários que fazem a coleta dos frutos e deixa agregado em local de fácil acesso onde uma caçamba vai buscar.

Na opinião de Lourdes : *“-Todos cresceram de olho depois dessa empresa. No meu tempo que havia menos gente aqui, todo mundo era unido, agora só pensam em riqueza”*. A quebradeira acredita que o processo de industrialização do coco babaçu promoveu desunião entre sua comunidade e aumentou a quantidade de catadores do fruto.

Infelizmente, a pesquisa com Dona Lourdes não pôde ser finalizada, pois durante o tempo da pesquisa, ela desenvolveu problemas de saúde. Assim, ficou combinado de darmos uma pausa e continuarmos após sua melhora. Mas ela faleceu pouco tempo depois.

IV Andreia

Andreia é uma jovem de 44 anos, cabelos cacheados, mãe e independente, Andreia é formada em Pedagogia e trabalha em uma escola fora do Povoado Passarinho. Nasceu nesse povoado de parto realizado por uma parteira. Segundo a interlocutora, seu pai era lavrador e os mantinha com a lida da terra, com o trabalho árduo do dia a dia, colhendo e plantando. Sua mãe saía cedo para a mata quebrar o coco, ela ficava com os irmãos mais velhos. Aos sete anos Andreia começou a quebrar coco.

Minha mãe me dava as bandas do coco, fui aprendendo, hoje eu quebro bem, então quando aprendi, comecei a ir para a mata quebrar com minhas irmãs e vizinhas. A gente levava a comida e passava o dia inteiro na lida. Mas quando comecei a fazer o Ensino Fundamental de (6º ao 9º ano) Tive que sair de casa e vim para a cidade trabalhar nas casas para poder me manter, então só quebrava coco nas férias. Andréia, 44 anos. Entrevista 2024.

Então Andreia cresceu vivendo a cultura de um povo simples e trabalhador em especial sua mãe que era quebradeira de coco.

As dificuldades eram muitas, porque geralmente o machado era os que ninguém queria, os cocos que achávamos no caso eu e minhas companheiras eram os mais ruins da mata que as quebradeiras não queriam, enfrentávamos bichos peçonhentos, chuva, corte nos dedos, quedas, fome; foi um desafio, só que eu não desistia no outro dia queria ir novamente. Andréia, 44 anos. Entrevista 2024.

Andreia, descreve sua resistência e vontade de continuar na atividade de quebra do coco, mesmo enfrentando diversas adversidades. Seu relato destaca a luta e a persistência que essas mulheres demonstram ao enfrentar condições desfavoráveis diariamente, mostrando que, apesar das dificuldades, obstáculos e desafios emocionais, elas sempre encontram motivação para seguir em frente.

A quebra do coco é muito importante, pessoas de outros estados vieram para cá em rumo de melhores condições de vida, quebrar o coco. Em razão do sustento de sua família, do extrativismo sustentável, a cultura do povo se fez através do coco babaçu porque reuniam diferentes personagens, o fazendeiro que doava o coco para quebradeira, o comprador contratava e a empresa responsável vinha receber o coco. Lembro de uma tia minha que já morreu chegou a ir para a mata quebrar o coco de resguardo para poder garantir a comida para os filhos, deixava o recém-nascido com os filhos maiores e tinha que quebrar. Muitas vezes as quebradeiras estavam devendo o quitandeiro que comprava o coco e

ia vender a amêndoa em outra quitanda e aí dava problema porque o quitandeiro ia cobrar. Andréia 44 anos. Entrevista 2024

A interlocutora Andreia afirma que em tempos atrás a quebra do coco era o único meio de sustento da família, não existia outra forma de viver, nos fins de semana as quebradeiras quebram o coco para tirar seu azeite e fazerem o carvão para a semana, porque durante a semana o coco era pra vender, nada era fácil, mas segundo ela tinha uma bondade, as famílias eram felizes, sem reclamações, todos trabalhavam cada um com suas funções.

Então, eu vejo que daqui uns tempos ninguém saberá quebrar o coco, porque está se tornando passado, a quebra do coco é uma atividade que não rendeu muito a questão da amêndoa mesmo, ou seja, a Indústria Tobasa hoje já compra o coco inteiro, as mulheres de hoje já querem outras possibilidades de trabalho, como a cidade se desenvolveu e nós pobres já podemos fazer uma faculdade tudo está mais fácil para se ter um emprego de melhor qualidade. Minha filha não sabe quebrar coco. Lembrando que hoje a quebradeira vende o azeite e não mais a amêndoa como antes. Andréia, 44 anos. Entrevista 2024.

A fala de Andreia nos mostra como as práticas tradicionais podem ser afetadas por mudanças econômicas e sociais. Ela reflete a adaptação necessária para sobreviver em um mercado em constante transformação e a busca por uma vida melhor através da educação e de novas oportunidades. É uma narrativa de resiliência e progresso, mas também, de perda cultural e de transformação de identidades comunitárias.

Segundo Andreia, no dia de ir quebrar os cocos as quebradeiras combinam o horário de sair com o almoço pronto, um dia de quebra de coco é bastante amêndoa e já vem pronta para torrar e tirar o azeite. Ela menciona ainda que passam o dia conversando, sorrindo e acaba sendo divertido, e até hoje ela gosta de participar.

De acordo Andreia quebrar o coco leva o dia todo, então elas não tinham a preocupação de ir para casa, sem também ter que atingir um número total, o que deixava o trabalho mais tranquilo:

Quando se quebra em casa é mais fácil ser só uma quebradeira, mas na mata é um grupo de mulheres, muitas vezes uma quebra para a outra. Aí depois a outra paga aquele mesmo valor de amêndoa de coco que recebeu. Nunca se quebra o coco calado, é o cacete cantando e a mulherada conversando o dia todo. São inúmeras histórias de sofrimento

das quebradeiras que ouço. Gerando risos e descontração. Andréia, 44 anos. Entrevista 2024

Relatos iguais a esse destacam o trabalho solidário das quebradeiras de coco do povoado Passarinho, descreve como essas mulheres se ajudam fortalecendo relações de apoio dentro da comunidade.

V Alzenir

Alzenir, uma senhora de sessenta anos, pessoa de estatura baixa, cabelos cacheados, cor parda, porém queimada de trabalhar exposta ao sol, apesar dos sessenta anos, ela ainda trabalha nos mesmos serviços de quando era mais jovem. Nasceu no Ceará e chegou no Povoado Passarinho com cinco anos de idade junto com seus pais e cinco irmãos, seu pai lavrador e sua mãe quebradeira de coco. Alzenir casou com 15 (quinze) anos e teve sete filhos.

Quando os filhos completavam de nove a dez anos, Alzenir os levava para o mato para aprender a quebrar coco, ela partia os cocos em bandas para ficar mais fácil já que seus filhos ainda não tinham força para partir. O local sempre era muito longe e ela usava como incentivo para eles aprenderem a comprar roupas e calçados. Na época, mal tinha comida, quando comprava um metro de pano, fazia as roupas tudo igual, porque não tinha como comprar panos de diferentes, o homem trabalhava na roça e o alimento que produzia era só pra comer, algumas vezes sobrava um saco de fava, feijão ou arroz para vender. Mas isso só acontecia quando precisava muito de dinheiro, porque se vendesse muito faltava para comer.

Ela se separou depois de trinta anos de casada, ficou com os três filhos menores de idade, os criou sozinha quebrando coco. Como não vende mais as amêndoas, ela vendia o azeite, o sabão feito com azeite, e o carvão feito com as cascas, e também tirava para seu consumo. Segundo Alzenir, a carne que comiam era criada em casa, das galinhas caipiras e porcos que criava no quintal. Também pescavam. Carne de gado era uma novidade para eles naquela época, algo quase nunca consumido Como mencionou Alzenir, a carne bovina era raridade o que conecta essas famílias com os recursos naturais mantendo a tradição de sustento através do que se planta se colhe, deixando implantado a cultura dessa comunidade de acordo com a cultura local.

Alzenir destaca que: *“a quebra do coco vem de geração, meus avós também vieram do Ceará e quando chegaram aqui foi o único meio de vida que encontraram para sustentar a família”*. A fala de Alzenir relaciona a história de vida com a memória guardada ao longo do tempo, pela luta e pela resistência das quebradeiras de coco do povoado Passarinho, passando de geração para geração e destacando como foram superados os obstáculos enfrentados durante a adaptação de território. Evidencia ainda que saía de casa cedo, passava o dia sentada e caminhava muito. Os coqueirais ficavam distantes e a estrada de areia cansava as pernas antes mesmo de começar a juntar o coco. Não teve infância e foi à escola poucas vezes, não deu tempo de aprender nada.

Alzenir afirma ainda que: *“a volta costuma ser mais cansativa, porque sempre está com peso, estamos cansada e com fome, muitas vezes ao chegar ainda vou para o fogão fazer janta, depois de tomar banho, só tem ânimo para deitar e dormir”*. Segundo a interlocutora, a quebra do coco é importante para ela, porque sem esse trabalho, não teria o que comer, vestir e comprar remédios. Para ela, esse trabalho sempre será importante, mesmo quando chegar a idade de aposentar, vai continuar tirando seu azeite.

Quanto à quebra do coco, só quebro sozinha quando é em casa, quando vou pro mato, sempre vou com 3 (três) ou mais companheiras. Enquanto quebramos, falamos sobre tudo, brincamos, desabafamos sobre os maridos ou namorados, filhos, sobre os acontecimentos da vila, novelas e jornais. Às vezes contamos histórias de Trancoso e algumas cantam música do Reginaldo Rossi (Alzenir, 60 anos, em Entrevista 2024).

Percebe-se que este trabalho de quebrar o coco é uma prática que envolve interação social e solidariedade para com os outros, que enriquece a vida das mulheres participantes da quebra do coco babaçu no Povoado Passarinho.

Alzenir ainda destaca que não conhece nenhuma associação de quebradeiras no Povoado Passarinho e nem na cidade próxima que é Tocantinópolis, portanto, não recebe ajuda dos governantes, que aparecem com frequência apenas durante as campanhas políticas, remetendo à fala de Schwartz (2017), quando reconhece a importância *“de cooperativas e ONGs que buscam a proteção e a defesa dos interesses das quebradeiras de coco de babaçu”* que poderia mobilizar e organizar esse trabalho oferecendo ferramentas que poderiam

tornar eficiente e mais prático o ofício dessas mulheres.

VI Raimundo

O senhor Raimundo tem 61 sessenta e um anos de idade, um homem negro, tímido e trabalhador, casado com Mirtes. Nasceu no Povoado Olho D'água, município de Tocantinópolis. Mudou-se para o Povoado Passarinho em 1979.

Filho de lavrador e quebradeira de coco, quando seu pai saía para a roça os filhos ficavam com a mãe em casa, então sua mãe começou a levá-los para o mato e ensiná-los a quebrar coco, na época ele tinha apenas 7 anos, ela quebrava em pedaços e ele terminava de quebrar, todos acordavam cedo, amolava o machado e seguia pro mato, voltava ao meio dia pra almoçar, e continuava a quebrar até umas cinco horas da tarde.

Quando fomos ficando mais velhos, nós íamos para a roça e quando estava em casa, ia quebrando coco. Antigamente as pessoas viviam mais da quebra do coco, e os pais colocavam os filhos para aprender. Meus filhos não quebram coco, seguiram outras profissões. (Raimundo, 61 anos. Entrevista 2024).

A fala de Raimundo mostra como a tradição da quebra do coco babaçu foi o central para a sobrevivência de muitas famílias, diante dos desafios enfrentados por essa comunidade, ele afirma que a quebra do coco é uma profissão familiar, vem de gerações. Ele cresceu ouvindo histórias de sua avó sobre ser quebradeira de coco. Afirma ainda que teve dificuldade para aprender, houve dias que não aguentava quebrar coco nem trabalhar na roça porque estava com os dedos cortados pelo machado durante a quebra do coco. Mas ainda assim é um serviço que gosta de fazer atualmente. Diz ainda que naquela época, quebrava coco a semana toda para revender, comprar roupa, calçado e algum alimento que faltava, aqueles que não produziam na roça e comprava apenas o necessário, não havia luxo.

Figura 10- Quebrando coco na casinha



Fonte: Raimunda, 2024.

4 LUTA E RESISTÊNCIA DAS MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO DO POVOADO PASSARINHO. TOCANTINS

Este capítulo revisa a literatura, atrelando a teoria com a vida e trabalho das quebradeiras de coco. Tem como principal objetivo, analisar a luta pelos seus direitos e o reconhecimento de seu trabalho, em busca de melhores condições de vida das mulheres e a história do babaçu do povoado.

Segundo Andrade (2003), algumas das lutas e resistência das quebradeiras de coco é quando acontece:

O tempo do coco preso é, portanto, de dor, de sofrimento, de fome, de perda de identidade. Isso porque não havia mais terras para cultivar. [...] é sobre todo esse processo, que se estende aos dias de hoje, que nos falam os entrevistados, sobretudo as mulheres (ANDRADE, 2003, p.447).

A autora reporta-se ao impacto negativo causado pelo não acesso ao fruto pelas quebradeiras em determinado período de tempo, implicando a interrupção da atividade manual, esta, por sua vez, essencial na sobrevivência e determinante na identificação desse grupo. Andrade (2003), ressalta ainda que a prisão do coco, repercute até os dias atuais impactando diretamente na subsistência e dignidade desses indivíduos, tanto que ainda é uma fala recorrente nas entrevistas, sobretudo,

das mulheres.

Nesse aspecto pode-se apontar para a importância do surgimento dos movimentos sociais a partir da segunda metade da década de 80. Vê-se nesses movimentos uma oportunidade de agrupamento das chamadas quebradeiras de coco babaçu. Coletivo esse que de forma organizada, é fortalecido no processo de enfrentamento de tensões e conflitos específicos pelo acesso e uso comum das áreas de ocorrência de babaçu. Conflitos esses provocados devido às apropriações de terras que haviam sido cercadas e apropriadas injustamente por fazendeiros, pecuaristas e empresas agropecuárias a partir das políticas públicas federais e estaduais para as regiões Norte e Nordeste do Brasil. Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB).

A rotina das quebradeiras quando vão quebrar o coco no mato, inicia às 5 horas da manhã. Aprontam o almoço para fazer sua marmitta e deixar para a família. Colocam comida para os animais, molham as plantas, como pequenas hortas ou árvores frutíferas. Preparam o café da manhã bem reforçado, caso o trabalho seja em um local mais próximo de casa, saem às 7:30; caso seja distante saem uns minutos mais cedo, às 7:00 horas. Quando saem para quebrar coco no mato, sempre estão em grupos. Em algumas áreas que se localizam os babaçuais, enfrentam espinhos, insetos, cobras venenosas. Nos tempos de inverno, enfrentam tempestades, muitas vezes precisam abandonar os machados para evitar acidentes com raios. Assim como Schwartz (2017) demonstra quando em entrevista às quebradeiras de coco babaçu, fala que o período chuvoso é visto como o tempo mais crítico para exercer a atividade, o acesso aos babaçuais, a coleta e quebra do coco tornam-se difíceis, os percursos ficam enlameados e os frutos encharcados, o cansaço físico é maior, aumentando também o risco de acidentes com as ferramentas, devido os cocos escorregar das mãos ao serem batidos com o machado.

Na fala de uma das interlocutoras, podemos compreender melhor o que se passa durante a estadia no mato:

Muitas vezes nós enfrentava tempestade no mato, guardava bem longe os machados e facão com medo de raio, teve uma vez que deu um trovão tão

grande e nós tava vindo pra casa, aí nós jogamos o machado no chão, na mesma hora caiu um raio, se o machado tivesse nas costas nós tinha partido no meio. Já vimos grandes cobras atravessada no caminho que nós ia passar, aí nós ou ficava parada esperando ela passar ou cortava caminho (Entrevista com as quebradeiras, realizada em 31 de Julho de 2024).

Através desse relato pode-se observar como a vivência das quebradeiras de coco babaçu são repletas de desafios com a natureza impondo seus limites, conhecem o mato, seu campo de trabalho, como a palma de suas mãos. Essas mulheres convivem diariamente com diversos perigos quando exercem a atividade da quebra do coco, que se transforma em aprendizado de sobrevivência.

Entre os desafios que as quebradeiras enfrentam para conseguir exercer seu trabalho, um deles é atravessar arames farpados, barreira artificial criada pelo homem. Assim, Andrade 2003, aponta que quando as quebradeiras:

Narram que passavam por baixo das cercas de arame farpado, enfrentando a humilhação no confronto com os vaqueiros”. Sabemos, no entanto, que a família camponesa é, ao mesmo tempo, uma unidade de produção e uma unidade de consumo. Todos os seus membros produzem em conjunto, obedecendo a uma divisão sexual e etária do trabalho, e todos consomem o que foi produzido (ANDRADE, 2003, p. 448).

Muitos dos obstáculos que essas mulheres enfrentam, revelam barreiras impostas pelos proprietários das terras. A ação que executam atravessando cercas com arames farpados que dificultam sua passagem, representa a resistência contra a evolução da privatização da terra e o afastamento das pessoas que necessitam daquele meio para o sustento.

Já chegamos a ficar doente durante muitos dias, por causa de uma grande cobra que ficou de frente quando nós tava sentada quebrando coco, nós nem podia se mexer nem levantar. Ficamos quase sem respirar, vendo ela bem ali perto dos nossos pés, até que ela resolveu fazer a curva e passar do meu lado com a língua de fora, ainda me olhou. Levou um bom tempo pra alma voltar pro corpo. Nós fomos embora mais cedo, cheguei muito ruim em casa (Mirtes 52 anos, entrevista 2024).

Histórias iguais a essa, ilustram o quanto essas mulheres estão vulneráveis nesse tipo de trabalho, buscando recursos para sobrevivência, essas são situações enfrentadas por quem trabalha em situações de resistência.

Os autores Conceição e Medeiros (2021), corroboram que através das entrevistas, busca-se entender a maneira como ocorre o protagonismo das

mulheres do campo, nesse contexto de persistência e luta pela terra enquanto um direito social. Os autores ainda afirmam que a cultura é vista como uma forma de reafirmação nas territorialidades. Discutir sobre cultura implica considerar regras de comportamentos que carregam significados para aqueles que a experimentam.

Durante a quebra do coco, elas conversam sobre muitos assuntos, um deles é sobre o coco que estão quebrando, uma fala “olha esse coco é daquela palmeira que te falei e são bons, a outra fala olha esse é daquela palmeira perto daquela árvore, são bons também, logo depois a outra fala, esse coco mais redondinho aqui é daquela palmeira perto da lagoa. Eita! mais são bons!”. Indago se elas sabem quais palmeiras elas coletaram todos aqueles cocos, respondem com firmeza que sim, sabem onde estão todas.

Um dos assuntos recorrentes são as queixas dos seus problemas de saúde, umas usam calçados ortopédicos adequados, tomam várias medicações para diabetes, pressão alta, artrose, artrite, sofrem com menopausa, entre outras patologias.

Segundo a autora Andrade (2003), a interpretação crítica das narrativas não desqualifica ou invalida as falas dos entrevistados, até porque se reconhece que estamos lidando com representações, múltiplas verdades ditas por meio de diferentes perspectivas, tornando todas elas verídicas. Desse modo, analisar criticamente a fala das entrevistadas, é provocar o início de uma reflexão sobre um trabalho existente na sociedade do campo, porém, invisível perante as leis trabalhistas.

Nas entrevistas realizadas com as quebradeiras elas afirmam que não possuem uma organização: *“Nunca tivemos uma associação, sabemos que tem em algumas cidades próximas, mas aqui ninguém enxerga quebrador de coco não”*. Essa expressão reflete a falta de apoio por parte das instituições. A falta de uma associação deixa essa comunidade desprovida de organização, falta investimento por parte do governo local, uma associação já ajudaria, favorecendo os interesses dos trabalhadores e dos moradores em geral, trazendo mais recursos e oportunidades de desenvolvimento para o povoado Passarinho.

Segue dessa forma a vida dessas mulheres, entre luta e resistência diante das dificuldades encontradas e superadas no dia a dia. Durante as entrevistas um dos assuntos indagados foram sobre associações das quebradeiras de coco ou algum movimento que ajude a melhorar a qualidade de vida das quebradeiras, mas as respostas foram sempre as mesmas. Não existem associações no povoado Passarinho, o que demonstra que essas mulheres são um símbolo de resistência, força coletiva e conexão com a natureza por lutarem sempre sozinhas.

4.1 Privatização das terras e os impactos agrícolas

A expansão agrícola, muitas vezes impulsionada por interesses externos, levou à destruição de ecossistemas e à exploração desenfreada dos recursos naturais, afetando diretamente as comunidades locais, incluindo principalmente, as quebradeiras de coco babaçu. Com a expansão, veio a privatização das terras. As quebradeiras em suas constantes lutas centram-se em primeiro lugar, na conservação da mata dos cocais, pois diversos lugares estão sendo ameaçados pelo desenvolvimento de atividade agropecuárias em grande escala, como a derrubada das palmeiras, o envenenamento das pindobas (palmeiras que estão nascendo). Esses desmatamentos têm como destino final a formação de pastos, o que além de prejudicar o babaçu, faz com que o fruto fique escasso e extingue as reservas, aumentando a poluição e prejudicando a flora local, onde os animais nativos dependem para sobreviver. Com isso, os rios secam e o calor excessivo aumenta, afetando tanto os animais como os seres humanos.

Figura 11- Pindobas de babaçu envenenadas



Fonte: Google imagens

Com as queimadas, é necessário correr atrás do prejuízo implantando

alternativas e técnicas de cultivo que visam recuperar a fertilidade dos solos danificados, Schwartz (2017).

De acordo com Jesus, (2007, p. 15), ao longo dos anos, as mulheres quebradeiras de coco tiveram em suas vidas vários momentos marcados por ameaças, lutas e conquistas para poder ter acesso livre ao coco babaçu. Suas constantes lutas estão centradas em primeiro lugar, pela conservação da mata dos cocais, pois diversos lugares estão sendo ameaçados pelo desenvolvimento de atividades agropecuárias em grande escala.

Os autores Brito e Almeida (2017), ressaltam que os indivíduos que se destacam nesse embate foram as mulheres que tomaram para si o papel de provedoras da casa tornando a prática da quebra do babaçu, uma fonte de renda. Portanto, para Andrade (2007, p. 447) ‘O chamado tempo do coco preso não corresponde, necessariamente, ao tempo cronológico’, ainda rememora que essa coletividade batalhou contra o encerramento dos babaçuais, pela independência de um recurso vegetal que, em seus sistemas de símbolo da natureza, era visto e vivido como um recurso livre, a ser apoderado pelo trabalho familiar e não para ser tomado individualmente pelos proprietários de terra.

De acordo com os estudos de Teixeira (2019), essa fase do “tempo do coco preso” é conhecida como um período de subordinação dos trabalhadores do campo aos fazendeiros, ficando sujeitos às suas determinações econômicas e comerciais, passando então a um trabalho semelhante ao escravo:

[...] Os trabalhadores ficavam sentenciados aos latifundiários, aos proprietários de galpões situados nas fazendas onde mulheres, homens e crianças quebravam coco para proprietários de terras, sendo obrigados a vender o coco ou trocá-lo por alimentos nas próprias fazendas. Durante essa fase foram criados contratos extrativos pelos fazendeiros e grileiros para operar a colheita, a quebra e a venda do coco. (Teixeira, 2019. p.25)

Neste contexto, as terras passam a ser transformadas em pastagens, através de incentivos oficiais dos governos, prejudicando assim a principal alternativa de sobrevivência das famílias camponesas. O interlocutor Raimundo destaca:

O local que nós quebrava coco era propriedade de nossa família, mas em 1980, os indígenas tomaram nossas terras e nos deixaram sem nada, com

o passar do tempo meus pais compraram uma terra no Povoado Passarinho, onde eu moro até hoje com minha família. Raimundo 61 anos. Entrevista 2024.

Depois que a família de Raimundo perdeu as terras, eles quebravam para os arrendatários, eram pessoas que arrendavam terras que tinha muito babaçu e que contratavam quebradeiras de coco, mas quem quebrava tinha por obrigação vender apenas para eles, geralmente se arredava uma terra por um ou dois anos, e quem não tinha passava por muito sofrimento.

Diante disso, a luta pelo babaçu livre na região norte e nordeste, por parte das quebradeiras de coco, que trata da luta para libertação dos babaçuais, mas também para libertarem a si mesmos e as suas famílias. Dentre as atividades econômicas antes praticadas – cultivo do solo, extrativismo, caça, artesanato, pesca – as famílias viam-se, subitamente, restritas à coleta, quebra do coco e venda das amêndoas aos fazendeiros. De atividade preponderantemente feminina, passará a constituir-se na única a garantir a alimentação do grupo familiar e a ser praticada por homens, mulheres, crianças, jovens e idosos.

Essa transformação mostra como as dificuldades remetem à superações econômicas e as diferentes fontes de sustento, sugerindo um esforço coletivo para valorizar essa tradicional prática da quebra do coco babaçu no Povoado Passarinho.

De acordo com a interlocutora Alzenir, os locais onde elas costumam quebrar coco são sempre em propriedades particulares, mas é de costume ir sempre para perto do rio, onde é menos vigiado já que as vezes vão sem comunicar o dono, quando pedem autorização do dono, ainda assim muitas vezes o vaqueiro aparece, querendo estabelecer regras, mesmo sabendo que foram autorizadas.

Sendo assim, para evitar uma leitura ingênua das narrativas é importante descrever a história dos conflitos e das lutas, a partir das próprias histórias dos sujeitos.

Nas últimas décadas, projetos de desenvolvimento favorecem acelerado avanço do agronegócio, desapropriando terras, privatizando águas, contaminando o meio ambiente e ameaçando modos de vida tradicionais.

De acordo com Sousa, Vieira e Lena (2022, p, 51), um dos aspectos que distingue a agricultura familiar, conciliada com as líderes agrícolas, fazendo parte da vida desses segmentos de agricultores, e destaca que:

[...] o babaçu contribui significativamente para a reprodução social e econômica dessas famílias. Assim, a presente proposta de pesquisa concentra-se no extrativismo do babaçu e na participação feminina como marco para as reflexões sobre as dinâmicas das relações sociedade-natureza no Bico do Papagaio, região localizada no extremo norte do estado do Tocantins⁵.

A seguir, destaco um trecho das falas durante as entrevistas a partir das perguntas realizadas durante a pesquisa. Foi indagado a respeito de ameaças ou qualquer outro tipo de violência já vivenciada por essas trabalhadoras.

A partir do relato de Raimunda podemos ver que a privação do território acesso aos coqueirais fez com que o número de mulheres quebradeiras de coco tenha diminuído ao longo dos anos:

Todos já negaram e ainda negam o coco pra nós! até a vizinha mais próxima! Onde vende queijo e leite, ela é uma das maiores dona de terras daqui, mas não libera o coco! E assim são todos. Antes eram muitas mulheres que quebravam, hoje tem poucas. (Raimunda, 67 anos. Entrevista, 2024).

O relato de Raimunda aponta para o fato de que a privação da terra faz com que muitas mulheres acabem desistindo de continuar as atividades de quebra do coco. O acesso negado ao uso do coco babaçu reproduz as falas da comunidade do Povoado Passarinho, essa prática de privatizar simboliza a desigualdade para população que depende desse recurso. Muitas mulheres relatam algumas situações de violência, como o caso dos cadeados trancados, arames desalinhados, e cercas elétricas.

Violência não! Mas já negaram o coco pra gente! A gente sabendo que tinha, já trancaram cadeado, já colocaram culpa em nós que os arames das cercas estavam mole, e às vezes nos deparamos com cercas elétricas. (Mirtes, 52 anos. Entrevista 2024).

⁵SOUZA; SILVA, 2017; VIEIRA, 2018. LENA, M. B. de A. AS LUTAS E CONQUISTAS DA QUEBRADEIRAS DE COCO DO BICO DO PAPAGAIO EM "RAIMUNDA, A QUEBRADEIRA". Revista Escritas, [S. l.], v. 13, n. 02, p. 46–68, 2022. DOI: 10.20873/vol13n02pp46-68. Disponível em: <https://ufnt.acesoacademico.com.br/index.php/escritas/article/view/13527>. Acesso em: 7 maio. 2024.

A maneira como se impede o acesso a um recurso natural gera obstáculos na convivência, desvalorizando o trabalho e a cultura de um povo que luta para manter a tradição da comunidade.

4.2 A IMPORTÂNCIA DA LEI DO BABAÇU LIVRE PARA AS QUEBRadeiras DE COCO

A lei do babaçu livre, leva uma nova esperança para as famílias que dependem do coco babaçu como fonte de alimentação, oferece segurança no trabalho que elas desenvolvem e oferece proteção na preservação dos seus direitos. Essa lei não só proporciona segurança no trabalho desenvolvido por essas famílias, mas também assegura a preservação de seus direitos que são essenciais para as comunidades rurais. O coco babaçu representa uma parte fundamental na economia do Povoado Passarinho, antes da implementação da lei Babaçu Livre, as famílias enfrentam muitos desafios, como o impedimento ao acesso aos babaçuais e falta aprovação da legalidade dos seus direitos.

A Lei do Babaçu Livre, permite que as quebradeiras tenham acesso ao coco mesmo em propriedades privadas, levando esperança para as famílias que dependem financeiramente da extração do coco, trabalho este que segundo Silveira e Schwartz (2012), garante a alimentação, sustentabilidade e aproveitamento da produção familiar, valorização da família e dos conhecimentos locais, oferecendo segurança no trabalho que elas desenvolvem, assistência na preservação dos seus direitos.

Para Rigotto, Santos e Costa (2002),

A imensa diversidade de sistemas socioculturais do Cerrado brasileiro pode ser compreendida a partir dos modos de vida construídos pela extensa variedade de povos e comunidades tradicionais, o desmatamento que provoca a insuficiência de frutas, a extinção de animais do Cerrado e a improdutividade das roças. (Rigotto, Santos e Costa, 2002, p. 14).

Os autores ainda destacam a abundância e a diversidade do Cerrado brasileiro, que é formada por diversas formas de vida de povos e comunidades tradicionais. Também chama a atenção para danos em razão do desmatamento na região, incluindo a redução das frutas, a extinção de animais nativos e diminuição da

produtividade das roças.

No estado do Tocantins a Lei do Babaçu Livre, corresponde. A Lei de Nº 1.959 de Agosto de 2008, que “dispõe sobre a proibição da queima, derrubada e do uso predatório das palmeiras do coco de babaçu e adota outras providências⁶”.⁵ Segundo essa lei, ser proprietário da terra não significa ser proprietário dos babaçuais, pois, de acordo com a mesma, as quebradeiras têm trânsito livre para circular pelo espaço e exercer sua atividade (Tocantins, 2008). E ainda de acordo com o artigo 1º da mesma lei, está proibida a queima do coco babaçu, inteiro ou in natura, para qualquer fim, a derrubada e o uso predatório de suas palmeiras no Estado do Tocantins, vedadas quaisquer práticas que prejudiquem a produtividade ou a vida da palmeira. Lei que visa proteger a flora local da região assim como também fornecer subsistência às famílias que vivem da extração do fruto.

A Lei do Babaçu Livre está presente em quatro estados, Maranhão, Piauí , Tocantins e Pará. Existem 03 leis estaduais (Maranhão, Tocantins e Piauí) e 18 leis municipais (04 no Tocantins, 02 no Pará, e 12 no Maranhão). Recentemente em 2022, foi aprovada a lei estadual Babaçu Livre no estado do Tocantins (Lei nº 788/2022)⁷.

Figura-12 Banner de lançamento da campanha
Babaçu Livre: Vida, Território e Luta



Fonte: Google, 2024.

⁶Disponível em: <https://central3.to.gov.br/arquivo/345116/> acesso: 28 de ago. 2024.

⁷Lei Babaçu Livre. Disponível em : <https://miqcb.org.br/fundo-babacu/>. Acesso em 30 de janeiro de 2025.

Portanto, fica vetado qualquer violência contra o coco babaçu, mais ainda assim, os pecuaristas insistem em fazer derrubada das palmeiras, deixando quem necessita do coco sem opção de sobrevivência, e acabam se sujeitando a humilhações, enfrentando longos caminhos para conseguir uma forma de sustento para família. Assim, o babaçu livre assegura o livre acesso às quebradeiras as palmeiras mesmo que estejam localizadas em propriedades privadas. Apesar de ser um grande avanço para a conservação dos babaçuais e dos modos de vida das quebradeiras de coco a Lei do Babaçu Livre, por si só, não é suficiente para proteger as palmeiras dos avanços maléficos da pecuária da soja e dos grandes projetos de monocultura que tem sido tão nocivo às comunidades tradicionais⁸”.

Essa medida é um grande avanço perante os desafios enfrentados pelas quebradeiras de coco que dependem do babaçu para o sustento familiar, apesar disso a situação imposta pelos fazendeiros e proprietários de terras ao permitirem o acesso, acabam causando um trabalho mais cansativo para essas mulheres.

A terra que nós quebra coco agora, é de um proprietário que tem muitos arqueiros de terras, ele liberou mais com uma condição, que nós quebre em um só lugar para não ficar cascas espalhadas no pasto, mais como o coco que fica perto acaba, nós precisamos andar muito para encontrar e carregar para um só lugar, o que fica pesado para nós, se pudesse quebrar onde encontra o coco, facilitava o trabalho, todos já negaram e ainda negam o coco pra nós até a vizinha mais próxima, onde vende queijo e leite, ela é uma das maiores dona de terras daqui, mais não libera o coco, e assim são todos. Antes eram muitas mulheres que quebravam, hoje tem pouca. (Raimunda 67 anos. Entrevista 2024).

A exigência de quebrar o coco em um só lugar, distante das palmeiras, torna um excesso de trabalho, deixando o dia mais desgastante. Além do mais, a negação do acesso ao coco babaçu por proprietários de terras como os vizinhos que fazem divisa com essas mulheres, confirma a falta de apoio e suporte para essas mulheres batalhadoras. Com a diminuição do número de mulheres que quebram o coco indica que casos como esses, venham a contribuir para o abandono dessa atividade, impactando ainda mais a economia e cultura desse povoado.

De acordo com as interlocutoras, no Povoado Passarinho pode ser

⁸Disponível em: <https://youtu.be/w7MCqdwR8w4?si=8gX8vBKjpUaN2z5q>. Acesso em: 23 de Set. de 2024

observado que há uma descontinuidade do trabalho da quebra do coco, devido à migração dos jovens para as cidades maiores, para estudar. Durante a pesquisa não foi observado a presença de mulheres jovens, nem dando suporte ou acompanhando as quebradeiras de coco. Por esse motivo, se percebe que essa prática passada de geração a geração é uma atividade que pode entrar em extinção nessa localidade.

Figura 13- Quebradeira colocando o cabo no machado.



Fonte: Raimunda, 2024.

4.3 Relações de gênero

As Quebradeiras de Coco Babaçu desempenham um papel essencial na economia do estado do Tocantins, um papel que está profundamente ligado à identidade feminina. É necessário observar como o trabalho está historicamente atribuído às mulheres, a quebra do coco babaçu, está naturalizada como “feminino” moldando as perspectivas que a mulher desenvolve na sociedade. As mulheres quebradeiras de coco, enfrentam desafios com relação à exploração econômica, ao direito sobre o recurso natural, como o babaçu que é uma fonte de renda pouco valorizada, diante de tanta desvalorização, elas também lutam por autonomia e reconhecimento do seu trabalho.

Um homem não aceita ser visto por outras pessoas quebrando coco, isto é um certo tabu, a divisão do trabalho baseada em gênero, reforça estereótipos sobre masculinidade e feminilidade, em muitos casos os homens acreditam que envolver-

se em atividade leve de menos esforço físico conhecida como “coisa de mulher” pode ser compreendida como ameaça à masculinidade, e acabam por esconder seu trabalho para não ser confundido como sinal de fraqueza ou obediência, o medo de ser julgado faz com que gênero funcione como forma de regular o comportamento masculino. O homem vai quebrar coco escondido porque é uma prática só de mulheres, deve-se compreender que “para o pleno desenvolvimento de homens e mulheres, é importante a construção de parcerias igualitárias, baseadas no respeito entre os parceiros e em responsabilidades compartilhadas⁹”.⁸

Portanto, falar de gênero é mostrar como a resistência dessas mulheres mostra a força que por trás de sexo “frágil” uma luta constante por respeito ao seu trabalho e reconhecimento dos seus esforços pela contribuição com a economia local.

De acordo com Andrade, (2007, p. 448), “Todos os seus membros da sociedade produzem em conjunto, obedecendo a uma divisão sexual e etária do trabalho, e todos consomem o que foi produzido”. Nesse contexto todos trabalham em coletividade e seguem uma rotina de trabalho dividido por sexo e idade, ao final compartilham seus resultados.

Segundo Andrade (2007):

Fala da dificuldade dos economistas em calcular, com base nas categorias da economia capitalista, a renda da família camponesa, já que o que é produzido serve, ao mesmo tempo, para o autoconsumo e para comercializar e, assim, adquirir o que não produzem como vestir, calçar e sua manutenção de vida. Tudo isso gera impactos e confunde a compreensão que se tem por direitos como educação, saúde e valorização do seu papel. [...] “Sabemos que o fruto do trabalho é compartilhado por todos, conforme suas necessidades” (ANDRADE 2007, p. 448).

Portanto a renda da família camponesa é difícil de calcular, pela baixa produção e autoconsumo que necessita usufruir de outros recursos para suprir suas necessidades.

Poderíamos nos questionar sobre como se davam as relações entre homens e mulheres naquele momento, como se desenhavam as estratégias de sobrevivência dos grupos familiares, de modo que cada

⁹Disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexual_saude_reprodutiva.pdf. Acesso em 18 de novembro de 2024.

membro se dividia na tarefa de conseguir alimentos, já que o acesso à terra estava cada vez mais interdito (ANDRADE 2007, p. 448).

Somos capazes de interpelar as estratégias de sobrevivência entre homens e mulheres, na luta para conseguir alimento diante do acesso limitado à terra.

Scott (1995) ressalta que nessa utilização, o termo “gênero” não requer necessariamente um posicionamento sobre a desigualdade ou o poder, muito menos constitui a parte lesada (e até hoje invisível). Enquanto o termo "história das mulheres" proclama sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais) que as mulheres são sujeitos históricos válidos, o termo “gênero” inclui as mulheres, sem lhes nomear, e parece, assim, não constituir uma forte ameaça. E ainda Scott (1995) destaca que “gênero é uma maneira de revelar "construções culturais", é criação totalmente social de ideias sobre os papéis apropriados a homens e mulheres”. Portanto, pensar sobre o que é considerado um "papel adequado" para homens e mulheres pode haver mudanças profundas de uma cultura para outra ou ao decorrer do tempo, ao pensar gênero como construção social, antes se deve questionar qual a natureza dessas diferenças para pensar em possibilidades mais abrangentes de harmonia e humanidade.

Durante a entrevista por meio do questionário semiestruturado em anexo nesse trabalho, foi indagado às quebradeiras de coco se recebiam alguma assistência técnica do Estado ou município para aproveitamento da matéria-prima do coco, elas responderam que: *“Nunca recebemos ajuda de nada do governo! Nem eu nem minhas companheiras! Pedimos para cavar um poço, porque o nosso é raso e seco no verão, mas nunca fizeram nada”* (Mirtes, 52 anos). Nesta fala percebe-se a indignação dessa trabalhadora e o descaso por conta das autoridades administrativas em dispor de infraestrutura básica, como o abastecimento de água para a prática dessas atividades econômicas nessa comunidade rural.

Ao solicitar que falassem quais as dificuldades encontradas na quebra do coco ao longo desses anos, responderam que

As dificuldades eram muitas! Porque geralmente o machado era os que ninguém queria, os cocos que achávamos no caso eu e minhas companheiras eram os mais ruins da mata que as quebradeiras não queriam, enfrentávamos bichos peçonhentos, chuva, corte nos dedos,

quedas, fome; sempre foi um desafio (Andréia, 45 anos. Entrevista realizada em 2024).

Frente ao cenário de burocracia das políticas e dos critérios impostos que dificultam ou restringem o acesso das mulheres aos recursos, são muitos e variados os meios de resistência e mobilização política empenhados pelo Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), junto às mulheres para que elas possam ter cada vez mais conhecimento sobre seus direitos e autonomia para que possam assumir uma postura ativa de enfrentamento diante dos desafios¹⁰. É necessário persistência e união coletiva durante esse processo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de vida das mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado Passarinho, de Tocantinópolis, TO, demonstra uma experiência marcada pela capacidade de suas persistências. Essas mulheres retratam exemplos de como lutar por direitos e o conhecimento das práticas tradicionais, podem modificar não apenas suas vidas, mas as questões econômicas, sociais e ambientais das comunidades.

As mulheres quebradeiras de coco, enfrentam ao longo dos anos, desafios para encontrar o coco, como as delimitações de terras por parte dos fazendeiros, reduzindo o acesso às áreas de coleta, acarretando a diminuição da quantidade de coleta. Assim, como o crescente avanço do agronegócio desmatando áreas onde o coco babaçu cresce naturalmente, impactando diretamente na prática tradicional de coleta do fruto.

Sabe-se que com os movimentos sociais e movimentos interestadual das quebradeiras de coco babaçu, conseguiram através da Lei do Babaçu Livre, o direito e acesso ao babaçu, e garantir seus direitos, mesmo a legislação não sendo cumprida legalmente em todos os estados, foi um grande avanço para a preservação do modo de vida dessas mulheres.

A história das quebradeiras de coco babaçu do povoado Passarinho, traz a importância de se conhecer as lutas pelas suas identidades culturais e a resistência

¹⁰ Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/OrHz8rKL5yD55W8XDynyTGK/?lang=pt> . Acesso em: 17 de set. de 2024.

em defesa dos direitos para um futuro com mais esperança e sustentabilidade.

Portanto, este trabalho busca retratar a importância de suas lutas para contribuir com um futuro que favoreça a sociedade.

Uma possibilidade de fortalecimento seria a criação de uma associação entre pessoas que vivem do trabalho com o coco babaçu, poderia dar maior visibilidade a esse grupo, proporcionando-lhes garantias de direitos trabalhistas e melhores condições de vida, bem como continuar sua vida em sua comunidade na zona rural. Possibilitando também agregação de valor em seus produtos originários do babaçu, valorizando e dignificando um dos principais meios de subsistência das quebradeiras de coco.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Wesley, de O. **Memórias de Quebradeiras de Coco de Coquelândia-MA. O ensino de história local e a formação da consciência**

histórica. 116f. Dissertação, Universidade Federal do Norte do Tocantins. Pós-Graduação. Araguaína, 2023. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/6737/1/WESLEY%20DE%20OLIVEIRA%20ALMEIDA%20-%20DISSERTA%C3%87%C3%83O.pdf>. Acesso: 12 de Dez. 2024.

ANDRADE, M de P. Conflitos agrários e memória de mulheres camponesas. Artigo **Estudos Feministas**, 15 (2): 240, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2007000200011/4267>. Acesso em 16 de Mai. de 2024.

ANDRADE, M, de P. FIGUEIREDO, L, D. História de DOMINGUEZ, Mulheres: Breve Comentário sobre Território e Identidade das Quebradeiras de Coco Babaçu no Maranhão. **Revista. USP.** br. n. 3, pp, 47-57. 2006. <https://www.revistas.usp.br/agraria/article/download/87/86/0>. Acesso em 16 de mai. de 2024.

ALBERTI Verena, **Manual de História Oral**/ Verena Alberti. 3.ed.-Rio de Janeiro: Editora FGV. 2005. 236p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=vUFTgxC7GXcC&printsec=frontcover&hl=pt-BR>. Acesso: 17 de Fevereiro de 2024

Bico tem mais de 223 mil habitantes, aponta resultado final do censo 2022. **Folha do Bico. 2023.** Disponível em: <https://www.folhadobico.com.br/>. Acesso em: 29 de Agosto de 2024.

BRASIL, **Lei nº 1.959, de 14 de agosto de 2008.** Palácio Araguaia, Palma Independência, 120º da República e 20º do Estado. 2002. Disponível em: <https://central3.to.gov.br/arquivo/345116/>. Acesso em 12 de Dez. 2024.

BRITO, E, P, de. ALMEIDA, G, de. **Sentido e organização do trabalho das quebradeiras de coco no Bico do Papagaio**, Tocantins/ Geosul, Florianópolis, v. 32, n. 63, p 229-248, jan. /abr. 2017. Acesso em: 29 de 29 de ago. de 2024.

CARVALHO, A, V, de. MACEDO, J, P, S. Políticas Desenvolvimentistas e Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu: **Capturas Contemporâneas.** Artigo, Psicologia: Ciência e Profissão. v. 43, e243813, 1-15. 2022. <https://www.scielo.br/j/pcp/a/QRHz8rKL5yD55W8XDynyTGK/?lang=pt>. Acesso: 17 de set. de 2024.

CASTRO, M. **Quebradeiras de coco reforçam luta contra o agrotóxico, acesso livre aos babaçuais.** Brasildefato. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/12/18/>. Acesso em: 27 de agosto de 2024.

DINIZ, Lília, 2017. Pequenos Projetos Ecosociais de quebradeiras de coco babaçu: reflexões e aprendizados. **Cartilha Quebradeira de Coco Babaçu.** Brasília, 2016. Disponível p.116,

em: <https://ispn.org.br/site/wp-content/uploads/2018/10/PequenosProjetosEcosociaisDeQuebradeirasDeCocoBabacuReflexoesEAprendizados.pdf>. Acesso: 18 de Setembro 2024.

DOURADO, J, de, J. **Das quebradeiras de coco à Tobasa: O processo do Babaçu e da vida na região Amazônica/** Orientador Francisco Gonçalves Filho-Tocantinópolis, 2007.

FREIRE, Benedito. MIQCB. **Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu.** <https://www.miqcb.org/quem-somos>. Jan/Fev, 2007. Disponível em: <http://www.miqcb.org.br/quem-somos.html>. Acesso em 12 de Dez. 2024.

GIRALDIN, O. SANTOS, M, dos. Universo da Cultura da Palmeira. **Iphan.** 2017. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br>. Acesso em: 27.08.2024.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa 8ªed. qualitativa em Ciências Sociais /** Mirian Goldenberg. - 8 ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004.

GUACIRA, L, L. **Gênero, sexualidade e educação.** Uma Perspectiva Pós-estruturalista. Petrópolis, RJ. Vozes, 1997.

LAKATOS, E, M. ANDRADE, M, de. **Metodologia Científica.** 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LENA, M. B. A. As lutas e conquistas da quebradeira de coco do Bico do Papagaio em "Raimunda, a quebradeira". Escritas: **Revista do curso de História,** Araguaína, v. 13, n. 02, p. 46–68, 2022. Acesso em: 7 maio. 2024.

MARCONI, M, de, A. LAKATOS, E, M. **Metodologia do trabalho científico: projetos de pesquisa, pesquisa bibliográfica, tese de doutorado, dissertação de mestrado, trabalhos de conclusão de curso.** 9. ed. São Paulo. Atlas, 2021.

MINAYO, C, de S, et al. **Pesquisa Social: teoria método e criatividade.** 21. ed. Rio de Janeiro. Vozes, 1994. 67 p.

MORAIS, A. da. C. ALMEIDA, R. C. M. de. Perspectivas em Diálogo, **Revista de Educação e Sociedade,** Porto Franco. v. 8, n. 18, p. 261-275, 2021. Acesso 7 de maio, 2024.

RIGOTTO, R, M. SANTOS, V, P. COSTA, A, M. Territórios Tradicionais de Vida e as Zonas de Sacrifício do Agronegócio no Cerrado. **Saúde debate,** v. 46. n. especial 2, p.13-27. Rio de Janeiro, 2022. Acesso em: 27 de Agosto de 2024.

ROSA, G. Dominguez, S. **As filhas das palmeiras lutam para que o coco continue sendo um recurso comunitário.** 2024. Disponível em: <https://elpais.com/america-futura/>.html. Acesso em: 16 de mai.de 2024.

SANTOS, L. L.; CURY, M. J. F.; SANTOS, L. L. **O coco e as cercas: dinâmicas territoriais das quebradeiras de babaçu no Bico do Papagaio.** v. 27, n. 52, p. 101-121. 2020. Acesso em: 27 de ago. De 2024.

Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva. **Caderno de Atenção Básica.** Brasília. v. 1, n. 26.

p. 300, 2013. Disponível: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude-sexual-saude-reprodutiva>. Acesso em: 18 de Setembro de 2024.

SILVEIRA, I, O. E SCHUWARTZ, R. Mulheres quebradeiras de coco de babaçu: **ações em prol da preservação do meio ambiente e da economia sustentável**. Anais do XXI Encontro Estadual de História –ANPUH-SP - Campinas, setembro, 2012. Disponível em: http://www.encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anais/17/1337012937_ARQUIVO_Mulheresquebradeirasdecocodebabaçu.pdf. Acesso Dezembro de 2024

SCOTT, J. Gênero: Uma Categoria Útil De Análise Histórica, **Revista de Educação e Realidade**, v. 15, n. 2, jul/dez, 1990. Acesso: 7 de Maio, 2024.

TAVASSI, A, P, C. RÊ, de, E. BARROSO, M. C. MARQUES, M, D. **A história dos direitos das mulheres.** politize.com.br.
Disponível em: <https://www.politize.com.br/equidade/historia-dos-direitos-das-mulheres/> acesso em: 17 de set. de 2024.

THOMPSON, Paul, 1935-**A voz do Passado: História Oral**/Paul Thompson; tradução Lólio Lourenço de Oliveira – Rio de Janeiro: Faz e Terra, 1992. 1. História – Metodologia 2. História Oral e Título. Disponível: https://www.academia.edu/31924383/A_Voz_do_Passado_Hist%C3%B3ria_Oral_Paul_Thompson_pdf. Acesso: 16 de Fevereiro de 2024

APÊNDICE

Anexo 1 - Questionário para entrevista com as quebradeiras de coco

1. Conte-me sobre sua História, como você chegou ao povoado passarinho e a quanto tempo você mora aqui?
2. A quanto tempo você quebra coco? Como começou?
3. Com quem você aprendeu a quebrar coco? Foi com alguém da sua família? Ou a quebra do coco vem de geração?
4. Conte-me como foram as dificuldades encontradas na quebra do coco ao longo desses anos?
5. Você gosta desse trabalho? Você acha ele importante?
6. A quebra do coco é uma fonte de renda ou apenas para consumo próprio?
7. Seus filhos aprenderam a quebrar coco, tem possibilidade de seguirem fazendo essa atividade?
8. Conte-me como é sua rotina quebrando coco: que horas acordam, qual horário vão catar o coco e quebrar, quais os locais que vão recolher e quebrar?
9. Nessa atividade da quebra do coco, já sofreu alguma ameaça, ou outro tipo de violência?
10. Quantas horas por dia você quebra coco?
11. A quebra do coco é feita sozinha? Enquanto quebram o coco, o que gostam de fazer? Cantam? Conversam? Se sim, sobre o que?
12. Há alguma associação na comunidade? Algum sindicato?
13. Se sim, quando começou essa organização?
14. Quais as questões discutidas na associação/sindicato?
15. Vocês recebem alguma assistência técnica do estado, ou prefeitura para aproveitamento da matéria-prima do coco? O que já foi desenvolvido do projeto?

16. Você realiza outra atividade além da quebra do coco